

J. FERNANDES MASCARENHAS

**DO INSTITUTO DE COIMBRA, DO INSTITUTO PORTUGUÊS DE ARQUEOLOGIA
HISTÓRIA E ETNOGRAFIA E DA SOCIEDADE DE ESTUDOS DE MOÇAMBIQUE**

ELEMENTOS DE ARQUEOLOGIA SOBRE O ALGARVE

(DOS ROMANOS AOS ÁRABES, NA ZONA CENTRAL DA PROVÍNCIA)

1. The first part of the document is a list of references. The references are listed in two columns. The first column contains references 1 through 10, and the second column contains references 11 through 20. The references are as follows:

Reference	Author	Title	Year
1	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982
2	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982
3	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982
4	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982
5	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982
6	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982
7	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982
8	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982
9	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982
10	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982
11	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982
12	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982
13	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982
14	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982
15	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982
16	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982
17	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982
18	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982
19	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982
20	W. H. Rind	The Earth's Radiation Budget	1982

ALL INFORMATION CONTAINED
HEREIN IS UNCLASSIFIED
DATE 08-21-2001 BY 60322 UCBAW

SECRET

1955 DOMINIOS DOS ÁRABES, NA ZONA CENTRAL DA PROVÍNCIA)

DO AUTOR

Aspectos da Revolução Nacional.

A Casa do Algarve em Lisboa.

Da origem e Evolução das Armas Nacionais; sua crítica.

O que os documentos nos dizem sobre alguns aspectos da vida económica do Algarve no século XVIII.

Nicho e Capela de S. Gonçalo de Lagos (Relatório sobre a sua restauração).

No Rumo da Educação.

A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos documentos.

A origem da Ordem do Carmo em Portugal nas suas relações com a Ordem de Malta.

S. Gonçalo de Lagos — Subsídios para o estudo da sua personalidade e do seu culto (IV da colecção «Estudos Algarvios» — edição da Casa do Algarve em Lisboa).

A Herdade da Coroadá e o Tratado das Terçarias de Moura.

Organismos Oficiais de Estatística Portugueses e seus Dirigentes — Da Secção de Estatística e Topografia ao Instituto Nacional de Estatística (1841-1958).

As Festas do Natal, Ano Bom e Reis no Algarve (Subsídios de etnografia e folclore).

Coexistência Cultural no Ultramar Português.

Por terras do Algarve — Ensaio de História e Arqueologia:

D. Maria da Graça Pessanha e a Capela da Farrobeira.

A Arte Gótica no Algarve — Uma imagem da Virgem e uma cruz na igreja de Santo Estêvão de Tavira.

O Vinho da Fuseta na Economia do Algarve (Subsídios).

Origem dos Topónimos das Freguesias do Concelho de Olhão e de alguns dos seus sítios.

Elementos de Arqueologia sobre o Algarve.

POR TERRAS DO ALGARVE

ENSaios DE HISTÓRIA
E ARQUEOLOGIA

PRÓLOGO

Nesta publicação reunimos alguns trabalhos por nós já publicados e agora bastante refundidos e outros, inéditos, fruto do estudo de algumas peças arqueológicas descobertas mais recentemente.

O Algarve, rico no campo arqueológico, tem ainda muito para estudar neste ramo da ciência. E não admira que se verifique semelhante riqueza se nos lembrarmos que foi sempre uma região muito fértil e próspera. A sua prosperidade traduzia-se numa grande arborização, como aliás ainda hoje, ao ponto de certo escritor romano lhe ter chamado um bosque, numa grande abundância de frutos e piscicultura e em outros valores económicos que atraíam os povos — sem falarmos já nas suas belezas naturais, que são grandes.

Os trabalhos que agora vêm a lume, não constituem mais do que uns simples elementos de estudo para um melhor conhecimento de alguns dos povos que viveram nessas paragens, lutando pela vida de todos os dias e oferecendo sacrifícios aos seus deuses.

J. Fernandes Mascarenhas

De Ossónoba a Balsa

Subsídios para o estudo da via romana que ligava as duas cidades e localização de Ossónoba

I

Numa das visitas de estudo do Professor Doutor José Leite de Vasconcelos ao Algarve, coube-nos a honra de o receber em Moncarapacho, aonde propositadamente se deslocou, em companhia do Dr. Francisco Fernandes Lopes, para colher elementos destinados aos seus trabalhos de etnografia portuguesa.

Como, porém, ao mesmo Professor se tornasse difícil permanecer aí mais do que umas escassas horas, prometemos enviar-lhe todos os apontamentos que, sobre a matéria, nos fosse possível coligir, bem como uma inscrição romana, inédita, de que recentemente havíamos tido conhecimento, num passeio que demos ao sítio de Bías do Sul, da referida freguesia.

Copiada com imensa dificuldade e imperfeitamente, quer devido aos meios de que dispúnhamos, quer, sobretudo, ao martelo do canteiro que a picou, utilizando-a, depois, numa nora aberta na propriedade onde foi achada, mesmo assim não quisemos deixar de a enviar ao Professor Leite de Vasconcelos.

Em resposta recebíamos, poucos dias depois, um dos seus clássicos postais, no qual não só acusava a recepção dos apontamentos, como se pronunciava sobre o valor da inscrição, nos termos seguintes:

«Vejo que não esqueceu o prometido e estou-lhe muito grato pelo seu bilhete e apontamentos.

A inscrição é boa, refere-se a um Imperador Romano, porém só nela entendendo *Pontifici Maximo*; é preciso copiá-la o melhor possível.....»

Entretanto, fomos para Lisboa e nunca mais se proporcionou uma oportunidade de voltar ao local, além de que, estávamos convencidos da impossibilidade em conseguirmos uma cópia mais exacta, pelas razões anteriormente apontadas.

Em Lisboa, ainda visitámos o Professor Leite de Vasconcelos, que se dignou honrar-nos com sua amizade. Falou-se de muita coisa sobre o Algarve, mas nunca mais se tornou a focar, em especial, o assunto da inscrição.

Alguns anos depois verificava-se a perda desse Mestre e, só ultimamente, depois de retermos o trabalho *Povos Balsenses sua situação geographico-physica*, de Estácio da Veiga, e da recolha de elementos arqueológicos a que temos procedido, nos dispusemos voltar de novo ao assunto da inscrição que, em boa verdade, nunca o tínhamos perdido completamente de vista. Havia em nós a intuição de que esse documento epigráfico alguma luz poderia trazer sobre a passagem dos romanos no Algarve, pelo que resolvemos voltar de novo ao sítio onde se achava a pedra. E lá estava ela, precisamente na mesma posição; porém, desta vez com a nora já em ruínas.

Em vão tentámos um decalque; mas, apesar disso, não demos os passos por mal empregados, pois que, com a água utilizada na operação, as letras desenharam-se, desta vez de forma mais nítida, o que permitiu copiá-la integralmente e fotografá-la.

A seu respeito disse-nos o sr. José Neves Júnior, seu proprietário, o seguinte: quando há 50 anos procediam a uma cava bastante profunda no terreno onde se encontra a nora, a meio metro aproximadamente, depararam com uma coluna assente numa base de pedra tosca, que ainda aí estava no mesmo sítio.⁽¹⁾ A coluna tinha numa das faces, frases que nenhuma das pessoas que então a viram conseguiu traduzir e, junto dela, encontraram-se vestígios de construções, tais como caboucos expessos e bocados de telha e tijolo muitíssimo grossos.

(1) Acedendo ao nosso pedido, teve o sr. José Neves Júnior a amabilidade, que muito lhe agradecemos, de nos oferecer a referida pedra, sob a condição, aliás justa, de collocarmos no seu lugar uma outra destinada a idêntico fim.

A sua remoção para a nossa residência do Algarve, verificou-se no início de 1950 e aí se encontra como uma das peças destinadas a uma Sala.

Como ninguém nessa altura se tivesse interessado pela pedra e ela fosse aparelhada, resolveram utilizá-la na nora que posteriormente aí se abriu, pelo que lhe cortaram um bocado na parte superior, com que revestiram algumas peças da mesma nora. Esses bocados foram-nos *in loco* indicados.

É claro, dizia-nos o nosso entrevistado: nesse trabalho, desapareceram a *era e muitas letras!*

||

Antes de transcrevermos e traduzirmos a inscrição, abramos um parêntesis, para dizermos alguma coisa sobre Bias do Sul, o sítio onde foi encontrada.

O topónimo Bias, deve ser muito antigo, embora o Professor Leite de Vasconcelos o considere como o plural de Bia, hipocorístico de Maria, no Algarve e no Alentejo ⁽²⁾ e, portanto, segundo essa versão, moderno.

O nome Bias aparece-nos já no século XVI ⁽³⁾ e em Bias do Sul, assinala-nos a *Carta Archeológica do Algarve* (Vol. XV do Archeologo Português — Lisboa, 1910) vestígios romanos de povoação extinta ou arrasada.

Quanto a nós, este topónimo é talvez de origem grega, o que não nos pode surpreender, se tomarmos em conta a sua localização e nos lembrarmos que, em Balsa, cidade pré-romana romanizada, apareceu uma inscrição em linguagem grega ⁽⁴⁾ e que, nas muralhas da cidade de Faro, se achou uma lápide procedente de Ossónoba, também cidade pré-romana romanizada, contendo nomes de libertos de origem grega, cujo estudo e publicação se ficou devendo ao Dr. Mário Lyster Franco e dando-se até a particularidade curiosa, do cognome grego *Chrysantus*, aparecer simultâneamente nessa lápide e noutra descoberta

-*museu* que, desde há muito, pensamos organizar na nossa terra natal, evitando-se assim que se percam alguns valores arqueológicos, históricos, artísticos e etnográficos. Desse serviço encarregaram-se os nossos tios srs. António Mascarenhas e Manuel Eusébio, já falecidos, a nossa prima D. Cristina Amélia Eusébio e o sr. João da Costa, a quem de igual modo ficámos muito gratos.

(2) *Etnografia Portuguesa*, Lisboa, 1936, Vol. II, pág. 268.

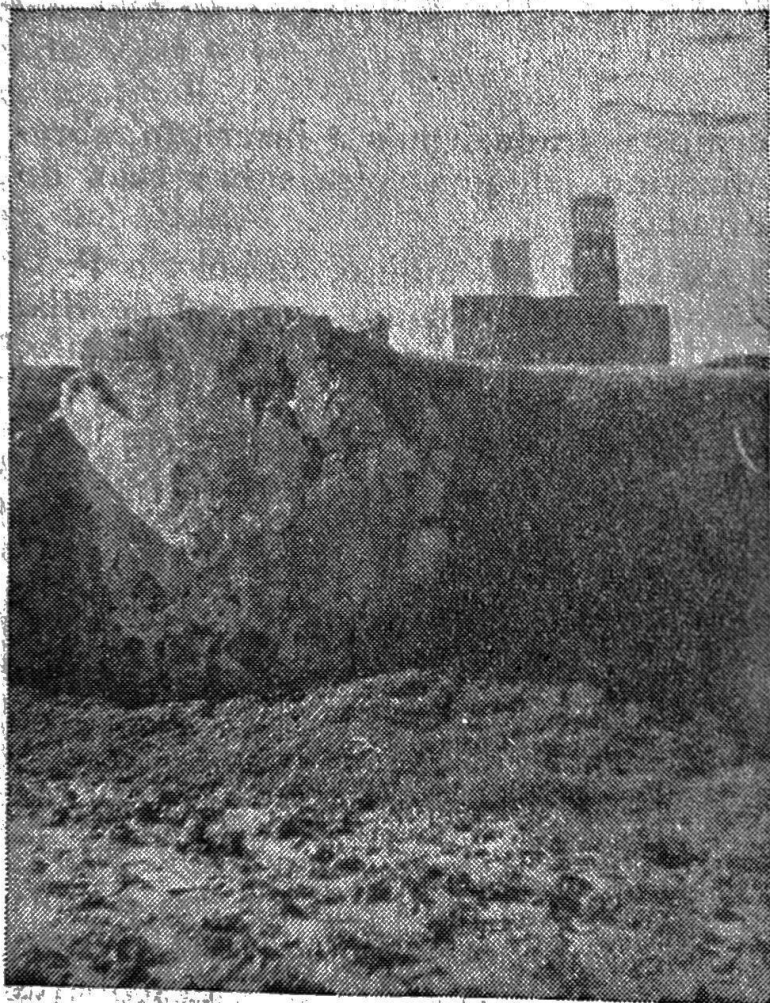
(3) *1.º Livro dos Assentos Paroquiais de Moncarapacho*, fls. 58 v.

(4) S. P. M. Estácio da Veiga, *Povos Balsenses*, Lisboa, 1866, pág.

em Marim (não muito longe portanto de Bias), esta pertencente ao sr. Abílio José Gouveia ⁽⁵⁾.

O topónimo Bias, em pleno litoral algarvio e junto ao mar é, segundo os Recenseamentos Gerais da População Portuguesa, único no país.

Por outro lado, quer a respectiva vegetação constituída, em grande parte, por oliveiras muito velhas, quer o achado de



Nora com o marco miliário fixado

nharia Esménio da Silva Assis que nos acompanhou ao local e,

imensos materiais de construção de tipo romano, muito próximo do mar, segundo nos informou o dono da propriedade onde a inscrição foi descoberta, vestígios aliás assinalados na *Carta Archeológica do Algarve*, como vimos anteriormente, sobretudo tijolos, com que muitos habitantes de Bias do Sul fizeram construções — tal a quantidade! — quer, finalmente, a descoberta do resto de uma grossa coluna ⁽⁶⁾ bem aparelhada e anepígrafa que foi removida para um pequeno valado donde a fizemos levantar com o auxílio do nosso primo e amigo agente técnico de enge-

(5) *Uma inscrição inédita de Ossónoba*, «Costa de Oiro» (Revista do Algarve) — Números 64-65, de Abril e Maio de 1940.

(6) Essa coluna, mutilada numa das extremidades, talvez tivesse feito parte de qualquer edifício que existiu junto da via romana. Possivelmente, com outra idêntica, sustentou o tecto de algum pátio fronteiro a esse hipotético edifício.

segundo a nossa indicação, tirou as fotografias que ilustram este trabalho, tudo isto é prova evidente de que aí viveram os romanos e, entre eles, talvez muitos escravos e libertos de origem grega. A própria tradição local, conforme verificámos, refere-se a uma hipotética cidade de Bias, junto ao mar e um pouco abaixo do lugar onde apareceu a inscrição.

Bias, segundo a mitologia grega, foi o nome de um filho de Amitaon e de Idomencia, ao qual se prende uma lenda e, também, de um dos sete sábios da Grécia, nascido em Priene (VI s. a. de J. C.).

Filósofo, grande orador e profundo conhecedor de leis, Bias teve um dia de emigrar para a Sardenha, após a vitória dos persas. Foi nessa ocasião que Bias, segundo se conta, sem se preocupar com os preparativos da viagem, teria pronunciado a seguinte frase que ficou célebre: «eu levo tudo comigo» ⁽⁷⁾.

Sendo Bias porventura um topónimo grego, qual teria sido a sua verdadeira origem? Não o sabemos; todavia, cremos tratar-se de um nome próprio posto possivelmente pela tripulação de algum barco helénico, ou devido a qualquer homem dessa origem que aí habitou ⁽⁸⁾.

|||

Descritas as condições em que a pedra foi encontrada e após este breve parêntesis, vamos, seguidamente, proceder à sua leitura e classificação.

Existindo a alguns metros ao sul da estrada nacional que liga Faro a Vila Real de Santo António, essa pedra, pelo que resta do texto da sua inscrição, pela sua configuração e, ainda, pelo sítio e circunstâncias em que foi achada, é um *marco miliário*, do género de muitos que têm aparecido, sobretudo ao norte do país.

Por se tratar, segundo cremos, de um dos raros exemplares do género, descobertos no litoral algarvio, constitui este *mi-*

(7) *Nouveau Larousse Illustré*, tome deuxième, pág. 60 e *Encyclopaedia Britannica*, Vol. 3, pág. 498 e *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. IV, pág. 638.

(8) Conforme acentua o Dr. José Pedro Machado, no seu interessante ensaio *As origens do Português*, torna-se realmente bastante difícil distinguir os termos que foram trazidos para a Península directamente pelos gregos daqueles que, tendo a mesma origem, faziam já parte do vocabulário latino.

liário um valiosíssimo subsídio para o estudo dos romanos, como iremos ver.

Não muito distante da estrada nacional, o *marco miliário* parece-nos vir confirmar a direcção que seguiria a via romana que ligava Ossónoba a Balsa e Baesuris, mais ou menos prevista por Estácio da Veiga, como resultado da localização de vários documentos epigráficos de carácter sepulcral, colhidos nesta zona do Algarve.

Tais documentos, foram um cipo encontrado na torre de Marim, entre Faro e Tavira, outro respeitante a *Titus Manlius*, achado pelo Dr. Dymas Thadeu de Almeida Ramos, entre Moncarapacho e Fuseta, segundo a *Carta Archeológica do Algarve* a não muita distância do ribeiro da Fornalha com o ribeiro Tronco, um terceiro contendo uma inscrição em linguagem grega, descoberto na fazenda do Trindade, em Santa Luzia (inscrição que, segundo Emílio Hübner, era no seu género, em 26 de Maio de 1861, a única conhecida em território português) e, finalmente, uma lápide que servia de soleira na porta da casa dessa propriedade⁽⁹⁾.

O traçado da via, junto ao litoral, admitido por Estácio da Veiga em face dessas lápides funerárias contendo saudações aos viadantes, deve estar certo, sendo também essa a orientação do *marco miliário*.

Acerca do cipo encontrado pelo Dr. Dymas Thadeu, devia o mesmo ter estado junto a algum caminho vicinal, *viae vicinalis* que, servindo a região de Moncarapacho, ia entroncar na via principal que ligava Ossónoba a Balsa.

O Prof. Luís Chaves, no seu artigo *As estradas arcaicas do Algarve*⁽¹⁰⁾, baseando-se no mapa do *Corpus Inscriptionum Latinarum* de Hübner (Vol. II, *Supplementum*) e no *Mapa Geral da Hispania* (Vol. I), indica-nos também o traçado da estrada que ligava Baesuris, Balsa e Ossónoba ao longo da costa, o que é absolutamente admissível, pois, essas cidades, na opinião dos escritores antigos e contemporâneos que se têm dedicado ao assunto, eram cidades marítimas⁽¹¹⁾.

Por sua vez, o General Vitoriano José César dá-nos o

(9) Estácio da Veiga, ob. cit., pág. 22 a 29.

(10) *Boletim da Junta de Província do Algarve*, I, 1942.

(11) António García y Bellido, *España y los Españoles hace dos mil años—Según la geografia de Strábon* (Colección Austral), Mário Lyster Franco, *A Pesca do Atum na Costa do Algarve—Achegas para a sua história*, Faro, 1947, etc.

mesmo traçado, quando, a propósito da invasão árabe na Península e da retirada da guarnição visigótica pela via romana que se dirigia por Niebla às bocas do Guadiana, nos informa que «Passado este rio, a via romana bifurgava-se: um ramo ia ao longo da costa em direcção a *Ossónoba*; outro seguia paralelamente ao Guadiana, para depois ir a Beja»⁽¹²⁾.

O achado deve pois classificar-se:

Marco miliário de 1,80 m de altura, aproximadamente, por 0,35 m de largura, em calcário, colhido no sítio de Bias do Sul, freguesia de Moncarapacho, concelho de Olhão, na propriedade do sr. José Neves Júnior, contendo uma inscrição mutilada, disposta em quatro linhas.

.....

 AVG PON
 T IFI CIM
 AXIMO

M. P. X

Marco miliário
 (fragmento)

Tradução:

.....

 AVG (VSTO) PONTIFICI
 MAXIMO
 MILLIA PASSUUM DECEN

À semelhança de outros monumentos deste género, na extremidade superior do *marco miliário de Bias*, que foi partida e tinha inscrições, devia ter figurado o nome do imperador que mandou fazer a via ou a reparou⁽¹³⁾. E do ponto onde o miliário

(12) *Ossónoba antiga cidade do Algarve, durante o domínio árabe*, separata de Portvcale, Vol. IV, N.º 23, 1931, pág. 8.

(13) José R. Mélida, *Arqueologia Española*, pág. 263; M. Cappela, *Milliarios do Conventus Bracar, em Portugal*, Porto, 1995, pág. 25 e seguintes; Duro da Sylva, *Subsídios para a História do Minho—O rio Lethes e o Forum Limicorum*, Lisboa, 1923.

esteve primitivamente até um outro determinado, distavam dez milhas (*millia passuum decem*), ou sejam 14,810 metros, visto cada milha romana conter mil passos e cada *passus major* dos romanos, segundo Dureau de la Malle, corresponder a 1,481 m ⁽¹⁴⁾ o que dá para cada milha 1481 metros.

Quanto aos restos de telhas e outros materiais de construção encontrados junto do *marco miliário de Bias*, deviam talvez ter pertencido a algum desses edifícios que os romanos colocavam junto das estradas. Tais edifícios eram, como se sabe as *mansões*, ou sejam pousadas que se destinavam sobretudo ao serviço dos correios e para os que viajavam devidamente autorizados pelo imperador, as quais eram administradas pelos *mancipes*; as *mutações*, lugares das mudas de menor importância, situadas com pequenos intervalos, e as *diversórias*, isto é, as casas construídas também ao longo das vias, destinadas, respectivamente, ou a receberem viajantes ou a hospedarem amigos ⁽¹⁵⁾. De 15 a 20 pés de largura, eram essas estradas muitas vezes cavadas como se destinassem para leito de um rio e seguiam em regra linhas rectas, excepção feita apenas quando se verificavam obstáculos naturais ⁽¹⁶⁾.

Tendo sido Augusto, o primeiro imperador que mandou gravar o seu nome e qualificação nos marcos mandados levantar por sua ordem, é pois certo que o *marco de Bias do Sul* foi mandado erguer ou por Augusto, ou por algum dos imperadores que lhe sucederam, cujo nome esteve com certeza gravado nessa pedra, em virtude dos qualificativos *Augusto Pontifici Maximo* que nos aparecem em tantos outros marcos que têm sido encontrados ⁽¹⁷⁾. E todas estas vias principais iam ter a Roma, para o que Augusto mandou colocar no *Forum*, em frente do templo de Saturno, um marco dourado, onde se liam as extensões de todas as estradas que partiam de Roma ⁽¹⁸⁾, verdadeira imitação do que os Pissitrátidas fizeram em Atenas, mandando fixar um marco miliário donde partiam numerosas vias. «Todavia as estradas gregas eram estreitas e o sistema de comunicações defeituoso». «Na via sagrada de Elêusis fez-se uma calçada da largura que

(14) Estácio da Veiga *ob. cit.*, pág. 10.

(15) Joaquim Possidónio Narciso da Silva, *Noções Elementares de Archeologia*, Lisboa, 1878, pág. 32 a 36.

(16) *Idem*, pág. 32.

(17) Mário Cardoso, *Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmiento* (ver a parte referente ao miliário N.º 4742 do *Corpus*, lido por Martins Sarmiento), pág. 144 e M. Capela, *ob. cit.*

(18) D. António José de Mello, *Archeologia*, 1906, pág. 42.

variava entre 2,50 m e 4,80 m, os veículos não podiam, portanto, cruzar-se em todo o percurso ⁽¹⁹⁾».

O mesmo já não se podia dizer das vias romanas *públicas ou militares, consulares ou prètorianas*, o caso presente, que tinham a largura de 15 a 20 pés ⁽²⁰⁾ e vieram certamente a beneficiar da experiência dos gregos.

Ainda a propósito do cuidado com que os romanos traçavam as suas estradas, informa-nos José R. Mélida que com frequência, elas passavam «por donde van las modernas carreteras» ⁽²¹⁾.

Calçadas da estrada romana que passava pelo litoral algarvio, propriamente não as chegámos a encontrar, o que aliás não admira, quer pelos terrenos terem sido muito revolvidos no decorrer dos séculos, quer principalmente por estarmos convencidos que essa estrada, na sua maior extensão, deve corresponder à actual estrada nacional, salvo num ou noutro ponto, onde essa coincidência não foi absoluta, como parecem atestar uns ligeiros vestígios de *estrada velha* que, segundo nos informaram em Bias, ainda se vêem em algumas propriedades.

Serão esses vestígios da estrada romana? Passaria ela um pouco ao sul da estrada nacional ou o marco foi deslocado para ali, embora a deslocação tivesse sido muito pequena?

De qualquer forma, estamos em crer que pelo sítio da actual estrada nacional, salvo um outro pequeno troço, deviam ter passado os romanos que provavelmente construíram a primitiva via, os visigodos e depois os mouros, dos quais restam almenaras que, dispostas nas alturas, parecem indicar qual teria sido o traçado da estrada. Essas torres em ruínas são, entre outras, as da Alfaxia, Bias, Amoreira, esta próxima do poço do mesmo nome, ao qual se prendem cenas lendárias e em cujo fundo, se achou há anos, uma espécie de silo que chegámos a observar, a pedido do então veriador municipal sr. Joaquim de Sousa Neto.

IV

Relacionemos agora a medida gravada no marco, X mi-

(19) Gustavo Glotz, *História Económica da Grécia*, tradução da Inquérito, pág. 255 e 256.

(20) Joaquim Possidónio N. da Silva, *ob. cit.*, pág. 33.

(21) José R. Mélida, *ob. cit.*, pág. 263.

lhas, com as distâncias do *Itinerário de Antonino Caracala*, que regista na Península 34 vias ⁽²²⁾ e que «forçoso é apreciar como verdadeiro» ⁽²³⁾.

Antes, porém, vejamos alguns aspectos do problema da localização das cidades de Baesuris, Balsa e Ossónoba em face do mesmo Itinerário.

Diz-nos o *Itinerário de Antonino* na parte respeitante ao Algarve e Alentejo o seguinte: «Inter de Esuri Pace Julia M. P. CCLXIII. *Sic* (Aliás 261 milhas).

Balsa M. P. XXIII
 Ossonoba M. P. XVI
 Aranni M. P. LX
 Rarapia (ou Raparia?) M. P. XXXII
 Ebora M. P. XLIII
 Serpa M. P. XX
 Arucci M. P. XXII
 Pace Julia M. P. XXX ⁽²⁴⁾

Quanto à distância entre Balsa e Baesuris, diz-nos Estácio da Veiga que a diferença que se verifica em face deste Itinerário, resulta de se assinalar a essas duas cidades «logares diversos dos que tiveram na Lusitania, e de se ignorar o trajecto da estrada que ligava estas cidades com a de Ossónoba» ⁽²⁵⁾.

De acordo com este célebre *Itinerário*, de Ossónoba a Balsa distavam 16 milhas, ou sejam 23 696 metros, visto a milha romana, *passus major* ⁽²⁶⁾, como vimos anteriormente, corresponder a 1481 metros.

Admitindo-se que Ossónoba ficava situada no sítio do Milreu, em Estoi, como querem alguns dos nossos arqueólogos, em

(22) *Idem*.

(23) Estácio da Veiga, *ob. cit.*, pág. 9.

(24) *Vetere Romanorum Itineraria sive Antonini Augusti* — P. 426, Edição de 1735, cit. por Estácio da Veiga em *Povos Balsenses*, pág. 7 e *Noticias Archeológicas de Portugal*, pelo Dr. Emílio Hübner — Lisboa, 1871. Segundo Hübner, «a estrada de Esuri para Pax Julia é das mais obscuramente indicadas no Itinerário», pág. 34 e 35. Estácio da Veiga também o dá a entender quando indica, em os *Povos Balsenses*, a distância entre essas duas cidades.

(25) Estácio da Veiga, *ob. cit.*, pág. 10.

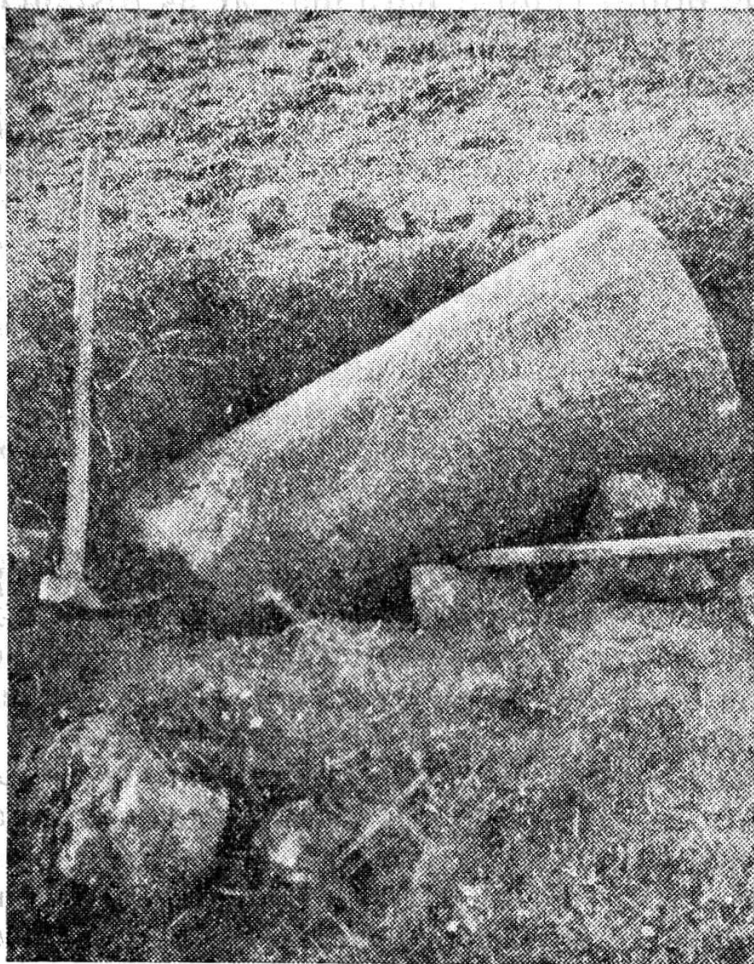
(26) *Idem*, pág. 10 e 11.

cujo número se contam Estácio da Veiga e Monsenhor Pereira Boto, constata-se que a distância que medeia entre essas cidades, não corresponde à que marca o *Itinerário de Antonino*.

«De Ossónoba a Balsa, diz-nos Estácio da Veiga, já sabemos que estabelece o itinerário romano 23.696 metros (16 milhas), e de Balsa a Esuri 35.544 metros (24 milhas); mas de Milreu a Faro e de Faro a Tavira há 39.000 metros, e de Tavira ao ponto fronteiro de Ayamonte há uns 22.000 metros: portanto, de Milreu (onde os maiores indícios se manifestam da existência de Ossónoba) a Tavira (onde os geographos antigos dizem que esteve Balsa), há a mais 15.304 metros do que designa o itinerário romano, e de Tavira ao ponto fronteiro de Ayamonte menos 13.544 metros!»⁽²⁷⁾

Descontando, porém, 6.000 metros, que é a distância que vai de Tavira à Torre de Ares e sítio das Antas, na freguesia da Luz, onde tantos vestígios romanos têm aparecido, o que levou o referido autor a inclinar-se que foi aí e não em Tavira que existiu Balsa,⁽²⁸⁾ fica-nos mesmo assim uma diferença de 9.304 metros, bastante apreciável e discordante com o que nos diz o *Itinerário*.

Em resumo: com os elementos de estudo de que hoje dispomos sobre as vias romanas do Algarve, não se verifica a



Coluna tombada

(27) *Ibidem*, pág. cit.

(28) *Ibidem*, pág. 12 e 13.

devida coincidência — como seria natural que se verificasse — entre as distâncias do *Itinerário de Antonino* e a distância que vai de Milreu à Torre de Ares (Balsa).

Assinalando o marco descoberto em Bias do Sul X milhas, certamente que se devem referir a Ossónoba, a cidade mais importante do Algarve no tempo dos romanos, tanto mais que de Bias a Balsa nunca podiam distar X milhas, ou sejam 14.810 m., isto é, 14 quilómetros e 810 metros e as capitais «serviam de ponto central para marcar as distâncias em todo o território.»

Mas não teria o marco sido deslocado doutro sítio para Bias do Sul?

A deslocação não é muito de admitir, quer por ter sido encontrado conjuntamente com a respectiva base, quer por outros motivos, como vamos ver. A ter sido deslocado, foi no sentido norte sul e nunca de oriente para ocidente e vice-versa, ou seja, longitudinalmente.

No entanto, admitamos a hipótese que o *marco miliário* foi deslocado longitudinalmente.

De Balsa a Ossónoba sabemos já que, segundo o *Itinerário de Antonino*, iam XVI milhas e não há a menor dúvida que Balsa foi no sítio da Torre de Arcs, da freguesia da Luz de Tavira.⁽²⁹⁾

Suponhamos em primeiro lugar que o marco esteve colocado a oriente de Bias do Sul e, portanto, mais próximo de Balsa. Neste caso, daí a Ossónoba, nunca podiam ser X milhas, nem mesmo que a via fosse em linha absolutamente recta e considerando, de antemão, Ossónoba na região de Faro pois, no Milreu, nem é bom falar. Consequentemente, do *marco miliário* a Balsa, nunca podiam ser VI milhas, salvo se a via tivesse muitas curvas, o que, quer em face da Carta Archeologica do Algarve, quer da própria tendência dos romanos em traçarem tanto quanto possível as vias em linha recta, não é de considerar.

Admitamos agora que o *marco miliário* esteve a ocidente, donde teria sido deslocado para Bias do Sul.

Desse local em relação a Balsa, nunca podiam ser VI milhas, nem mesmo em linha rigorosamente recta; e em relação a Ossónoba o mesmo se passava.

Sendo Ossónoba na região de Faro não se verificariam X

(29) *Povos Balsenses*, ob. cit., e Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa*, Vol. II, pág. 364, que nos diz: «As ruínas que ficam perto de Tavira, na quinta da Torre D'Ares, correspondem a Balsa, cidade pré-romana romanizada.»

milhas, a não ser com várias curvas, mas, em contra partida, ficava a distar demasiadamente em relação a Balsa.

Por outro lado, admitindo que Ossónoba foi no Milreu, teria o marco que ter sido deslocado de muito longe para Bias do Sul e, a verificar-se isto, que seria absurdo, do hipotético local onde estaria fixado, ainda muito menos iriam VI milhas a Balsa!

Nesta conformidade, não tendo o marco sido também deslocado nesse sentido e de Bias do Sul à região de Faro, são aproximadamente X milhas romanas, é de crer que tivesse estado sempre mais ou menos no mesmo sítio e, portanto, as X milhas devem referir-se a Ossónoba, mas Ossónoba na região de Faro, o que vem confirmar a corrente hoje mais seguida (Prof. Doutor Virgílio Correia, Dr. Mário Lyster Franco, Dr. José Formosinho, Abel Viana, etc.), baseada nos documentos epigráficos romanos descobertos nas muralhas de Faro e em vestígios, de idêntica origem, achados no Largo da Sé da mesma cidade algarvia.⁽³⁰⁾

E sendo assim, pergunta-se: Ossónoba ficaria precisamente na cidade de Faro ou nos seus subúrbios?

Ossónoba no recinto circundado pelas muralhas de Santa Maria de Faro, é hipótese a que não nos inclinamos muito. Na região de Faro como a própria medida do marco confirma, sem dúvida, mas não em Santa Maria propriamente.

Se assim fosse, não faria sentido a afirmação de *Ibne Alabar*, citada pelo Prof. Doutor David Lopes, num dos seus trabalhos:

«Ossónoba não parece ser a mesma povoação que os Arabes chamavam *Santa Maria*, porquanto Ibne Alabar nos diz que esta era o porto d'aquela», acrescentando o mesmo Professor, «mas as inscrições latinas que têm sido encontradas nas muralhas de Faro provam que não deveria ser longe.»⁽³¹⁾

Por outro lado *Becre*, filho de Tahia, que formara um principado em Ossónoba, transferiu a sua residência para Santa Maria de *Faroún*, ou *Faroón*, que mandou fortificar, cercando-a de muralhas e pondo-lhes portas de ferro, por a cidade de Ossónoba estar nessa altura em plena decadência. E Santa Maria devia ter tomado importância, quando aí se foi estabelecer o prin-

(30) Abel Viana, *Restos de Ossónoba, no Largo da Sé de Faro* — Separata dos N.ºs 39 a 46 da Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores — 1949.

(31) *Os Arabes em Herculano*, pág. 43-44, cit. pelo Prof. Leite de Vasconcelos, no Vol. II da *Etnografia Portuguesa*, pág. 370.

cipe Mohammed ben Said ben Hárun, de uma família ilustre de Mérida.⁽³²⁾

Mas pode objectar-se: como é possível Ossónoba ter sido nos arredores de Faro, se quando se pavimentou o Largo da Sé dessa cidade algarvia, se encontraram imensos vestígios romanos que uma exploração poria completamente a descoberto e a propósito dos quais o sr. Abel Viana, escreveu artigos que reuniu num opúsculo que, sem dúvida, é uma valiosa achega para o estudo do intrincado problema da localização de Ossónoba?⁽³³⁾

Além disso dirão: nas muralhas de Faro têm sido encontradas várias lápides de Ossónoba, umas estudadas pelo Dr. Mário Lyster Franco que, com tanto brilho, tem defendido a localização de Ossónoba em Faro⁽³⁴⁾ e outras, ainda, mais antigas, como a que foi assinalada no século XVI por Rezende, entre a porta nova e a edificada pelo alcaide-mór Ruy Barreto.⁽³⁵⁾

O facto de existirem tantos vestígios romanos em Faro, parece-nos provar que Ossónoba não foi no Milreu, pois, os árabes não iam tão longe buscar a quantidade de materiais de construção encontrados, para edificarem as muralhas, no tempo de Becre, salvo três colunas de mármore, encontradas no castelo de Faro, que, segundo o Dr. Coelho de Carvalho, correspondiam a umas bases existentes no Milreu.⁽³⁶⁾

A localização desses restos em tão grande quantidade, pode explicar-se da seguinte maneira:

Devido à falta de pedra na região de Faro, os árabes teriam feito construir, não só as muralhas mas grande parte dos edifícios de Santa Maria, com materiais da antiga e arruinada Ossónoba, que não ficaria muito distante. Além disso, sendo Santa Maria, segundo *Ibne Alabar* porto de Ossónoba, deveria ter tido também edifícios de construção romana, até mesmo qualquer *templum*.

Na mesma ordem de ideias escreve o Dr. José Garcia Domingues, especialista de reconhecido mérito em questões arábicas, num artigo publicado no número extraordinário do jornal «Novidades», de Outubro de 1951:

(32) Vitoriano José César, *Ossónoba antiga cidade do Algarve, durante o domínio árabe*, ob. cit., pág. 12.

(33) Abel Viana, ob. cit.

(34) Uma inscrição inédita de Ossónoba «Costa de Oiro», revista cit. e em outros trabalhos.

(35) Ataíde d'Oliveira, *Monografia do Concelho de Olhão*, pág. 40.

(36) Leite de Vasconcelos, *Étnog. Port.* ob. cit., pág. 370.

«De qualquer modo, temos que pelo século X, existia no local da velha Faro, uma povoação com o nome de Santa Maria, habitada por uma população de *moçárabes*, cristãos em terra islâmica, e que tirava o seu nome de uma imagem de Nossa Senhora colocada sobre as muralhas acima da porta do mar, porta que ainda hoje existe embora já lá se não veja a secular imagem, que alguns supõem ser a que se encontra sobre a porta da igreja da Misericórdia, dado o seu primitivismo escultórico.

.

Qual a origem desta povoação de Santa Maria? Não há dúvida de que esta povoação era de origem romana.

As escavações feitas no Largo da Sé demonstram que nesse local houve uma povoação romana à qual pertencem um templo dedicado a Augusto pelo sacerdote pagão de Ossónoba.

Era a própria Ossónoba, uma povoação que lhe servia de porto, como parece pretender Ibene Alabar?

Inclinamo-nos para esta última opinião que julgamos indirectamente confirmada pelo dizer de um outro autor árabe, Ibene Halane, quando referindo-se a Salia Ibene Becre Príncipe de Santa Maria afirma que ele dotou esta cidade de muralhas e lhe deu portas de ferro.

Não seria lícito supor que, se se tratasse de Ossónoba, falaria de reconstrução das muralhas e não de construção, em termos em que parece dever admitir-se que a cidade nunca as tinha tido o que para Ossónoba seria inadmissível.

De resto nas muralhas de Faro foram encontradas muitas pedras e inscrições de Ossónoba, mas o trabalho tem todo o ar de improvisação bárbara, o que não sucederia certamente na própria Ossónoba onde os vestígios do antigo diriam algo quanto ao futuro.»

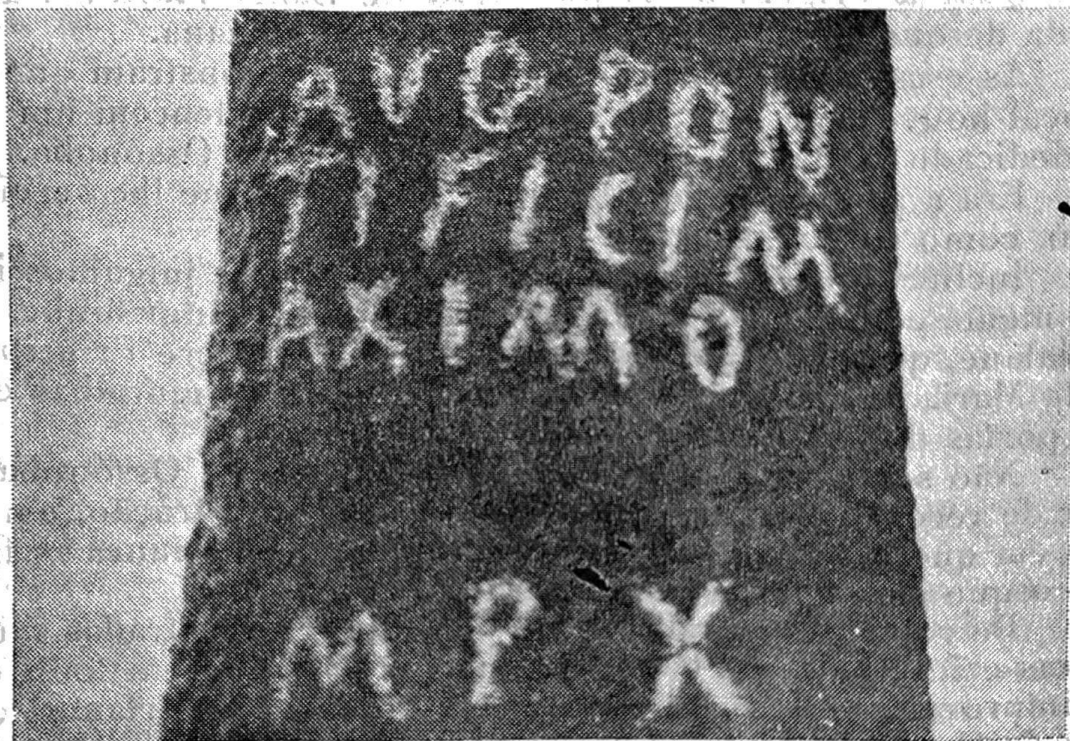
Por seu turno, o mesmo autor, no seu trabalho *O Garb Extremo do Andaluz e «Bortugal» nos historiadores e geógrafos árabes*, separata do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, N.ºs 7-12, de Julho-Dezembro de 1960, pág. 342, informa-nos que Ar-Râzi, no século X fala ainda de Ossónoba e Al-Maqqari diz que Ossónoba é nome de distrito e cidade. E acrescenta que «Santa Maria era porto de mar. Ibn Alabar afirma que era porto de Ossónoba. Supomos ser esta versão mais admissível. Ossónoba devia ter existido na região. Santa Maria teria surgido da necessidade de se fortificar o porto que servia a cidade.»

Ultimamente, pronunciou a escritora algarvia Dr.ª Mariana Amélia Machado dos Santos uma conferência na Casa do Algar-

ve em Lisboa, sob o título «O Arco do Repouso e o Castelo de Guimarães são padrões únicos na história de Portugal», na qual afirma em dada altura que «em seu entender, Ossónoba devia designar uma região e não apenas uma cidade.»

Quanto a nós devia designar uma e outra coisa, até porque os marcos miliários romanos quando indicavam as distâncias eram sempre em relação a uma determinada cidade ou povoação e não a uma região.

O relato dessa conferência vem publicado no *Jornal do Algarve*, de 23/4/1966 e em outros jornais do Algarve.



Inscrição do marco miliário

No respeitante às ruínas do Milreu, as quais durante tantos anos foram tidas como sendo de Ossónoba, são hoje quase geralmente aceites como as ruínas de qualquer mansão de luxo com o seu balneário, o seu *templum* e outras construções anexas⁽³⁷⁾ para onde os habitantes de Ossónoba, sobretudo, e outras

(37) Mário Lyster Franco, *As ruínas romanas do Milreu e os últimos trabalhos nelas realizados* (separata do Boletim da Junta de Província do Algarve, I, 1942) — Lisboa, 1943.

ciudades romanas do Algarve, iam passar a temporada calmosa.

As termas de Mérida, por exemplo, também não ficavam propriamente dentro da cidade, se bem que não muito distantes!

Ora sendo Ossónoba uma cidade marítima e, à semelhança de Asta, Nábrissa, Ónoba, Mainoba e outras mais, situada, segundo o geógrafo Strabão, num estuário,⁽³⁸⁾ supomo-la, pelas razões anteriormente expostas, nos campos marginais do Rio Sêco quase junto à foz que, nesses tempos, devia ser navegável numa certa extensão. Não até Estoi, aonde o mar, como querem alguns autores, teria chegado⁽³⁹⁾ e que o enorme cataclismo de que fala Paulo Orósio, fugido em 413 de Braga à perseguição dos Suevos⁽⁴⁰⁾ para junto de Santo Agostinho, Bispo de Hipona, afastou para longe; mas sim, numa certa extensão.

Mas, dir-se-á; aí não se encontram vestígios romanos. Não se encontram hoje, mas já se encontraram noutros tempos!

As *Antiguidades Monumentais do Algarve* de Estácio da Veiga referem-se, no seu Vol. II a ruínas romanas no sítio do Amendoal, próximo, portanto, do Rio Sêco.

«Amendoal — diz o referido autor — Este sítio, mui próximo da obstruída foz do antigo Rio Sêco, onde explorei parcialmente uma opulenta *villa* ou granja romana, cujos edifícios tinham excellentes pavimentos de mosaico, que felizmente foram desenhados.»⁽⁴¹⁾ E mais adiante: «O sítio do Amendoal até o flanco direito da ribeira do Rio Sêco fica a nordeste de Faro e de Santo António do Alto em distância superior a 1 kilómetro.»

«Tem assentamento de povoação extinta desde a margem esquerda do ribeiro das Lavadeiras até à linha da estrada vicinal da Garganta.»

«Em frente da portada da quinta do Fonseca tentei um reconhecimento nas ruínas que o solo quasi totalmente encobria e puz à vista um famoso edifício com oito pavimentos de mosaico, havendo no terreno muitos fragmentos de louças finas e grosseiras, de vasos de vidro, quinários do baixo império...»⁽⁴²⁾

(38) *Ibèria* (Livro III), em *España y los Españolos hace dos mil años*, de António García y Bellido. ob. cit., pág. 86.

(39) Toda a região do Rio Sêco até Estoi, é constituída por terrenos essencialmente argilosos e calcários, duma grande fertilidade. É toda ela uma região de regadio, com inúmeras hortas até à Conceição de Faro e daí até Estoi, em menor número, o que equivale a dizer que não é composta por terrenos salgados.

(40) P. Miguel de Oliveira, *História Ecclesiástica de Portugal*, 2.^a edição — Lisboa, 1948, pág. 27.

(41) *Ob. cit.*, pág. 389 e 390.

(42) *Idem*, pág. 575 e 576.

Dum desses lindos mosaicos, em branco, verde, roseo e castanho, com a *swastika* e a cruz grega, flores brancas de quatro pétalas com o centro vermelho que se assemelham a flores de amendoeira e outros ornatos, fez Estácio da Veiga uma boa reprodução, a côres, na referida obra. ⁽⁴³⁾

O facto de não se encontrarem hoje destacados vestígios à superfície não admira muito. Pela proximidade de Santa Maria, os materiais da arruinada Ossónoba, como se disse, teriam sido transportados quase todos para aí, além de estarmos convencidos que grande parte dos edifícios de Ossónoba deveriam ser de taipa, *constructio lutea ou parico formaceus*, processo de construção largamente usado pelos romanos e também muito empregado na região de Faro quase em nossos dias, devido à falta de pedra, ⁽⁴⁴⁾ que vem de longe e, a taipa, destroi-se com mais facilidade que a construção em pedra, sobretudo no caso de se verificarem terramotos. As próprias muralhas de Faro, tão maltratadas e cheias de excrescências que lhe tiram muito do seu aspecto primitivo, têm também paredes em taipa, se bem que, revestidas de pedra externamente.

Não obstante a ausência de tais vestígios à superfície, tivemos conhecimento directo que, nos campos junto ao Rio Seco e Ribeiro das Lavadeiras — ribeiro por onde as águas do mar avançam em marés vivas, ainda hoje se encontram muitos restos de construções e moedas de vários imperadores romanos, três das quais nos foram oferecidas pelo Sr. Francisco Tomaz, caseiro da quinta do Amendoal.

Dizia-nos esse senhor que em redor das casas da propriedade se torna por vezes difícil lavrar a terra, pois o ferro da

(43) *Ibidem*, Vol. III (a ilustração está entre as págs. 34 e 35).

(44) Como nos arredores da cidade de Faro não há pedra, vão buscá-la para as construções a Bordeira (entre Santa Bárbara de Nexe e S. Romão), Estoi, Guelhim, Cêro de S. Miguel, etc.

Depois já deste trabalho elaborado apareceram nas ruínas do Milreu dois bustos romanos. A eles se refere o «Correio do Sul», protestando, muito justamente, por terem sido levados para fóra da cidade de Faro.

São desse interessante semanário, arauto dos legítimos interesses do Algarve: «As ruínas do Balneário Romano do Milreu têm estado ultimamente em foco.»

O accidental achado de dois magníficos bustos, provocado por um corte de árvores um pouco atrabiliariamente levado a efeito em obras de mera conservação e consolidação que a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais nela está realizando — bustos aqueles que foram precipitadamente levados para Évora, a título de um pretenso estudo que em nada pode justificar a transferência». (Jornal citado, N.º 2518, de 18 de Agosto de 1966).

charrua vai esbarrar constantemente com bocados de tijolo e paredes.

Devemos ainda informar que esses campos, por mera coincidência, ficam precisamente na direcção e a não muita distância do sítio escolhido pelos técnicos, para a zona de abrigo do porto comum de Faro-Olhão.

Estamos certos que umas escavações profundas em toda essa área poriam a descoberto muita coisa de interesse para o estudo da arqueologia romana, nomeadamente sobre a localização de Ossónoba.

Observação — Este estudo, refundido e ampliado nalguns pontos, foi publicado, pela primeira vez, no suplemento «Letras e Artes» do jornal Novidades, de 16 de Julho de 1950.

A via romana que ligava Baesuris e Myrtilis

Da via romana que ligava Balsa a Baesuris e Myrtilis existem vestígios bem nítidos em Castro Marim, conforme tivemos o ensejo de observar numa das nossas visitas a essa vila fronteiriça.

O traçado dessa via é junto à actual estrada nacional que conduz a Mértola. Com cinco passos de largura, entre outros restos dessa via vêem-se dois pontões romanos já meio ruídos, na base do monte onde se ergue o histórico castelo que foi sede da Ordem de Cristo.

A Baesuris, mencionada no *Itinerário de Antonino* tudo leva a crer que tivesse sido Castro Marim. E no próprio local, têm aparecido vestígios romanos, entre os quais uma inscrição encontrada no lajeado do Forte de S. Sebastião e hoje depositada no pequeno museu em formação nos Paços do Concelho, o qual se ficou a dever ao dedicado funcionário sr. Costa, a pessoa que nos recebeu numa das visitas que aí fizemos.

A inscrição reza assim:

D I P
C A Y O
.....

E como esse outros vestígios têm sido achados através dos tempos, tais como moedas, etc.

O Dr. Pedro Batalha Reis reproduz uma moeda de Baesuris, o verso e o reverso, no seu erudito artigo «Moedas Romanas no Território de Portugal», inserto na revista «Lisboa Courier», n.º 74, de Maio de 1952. A moeda é de cobre, dado que todas as moedas cunhadas fóra de Roma não iam além desse metal, «posto que a prata era apanágio de Roma, que ciosamente conservava para si o privilégio do *jus cunni*, por isso que até de cobre foi dificilmente que ela consentiu que algumas cidades o lavrassem, em moeda divisionária, após as guerras de Numância (143 a 133 A. C.)».

O Prof. Luís Chaves no seu belo estudo «As vias romanas em Portugal», publicado no mesmo número da citada revista, apresenta-nos um mapa de Portugal com as vias romanas indicadas no célebre *Itinerário de Antonino*, no qual figura Baesuris no local de Castro Marim, aliás de acordo com a corrente hoje seguida no campo da arqueologia romana.

Ora a via que passava por Baesuris ligava essa cidade a Balsa e Ossónoba e, todas elas, em última análise, tinham ligação com Emérita Augusta, a capital da Lusitânia.

Um túmulo romano de inceneração e uma moeda, da mesma origem, encontrados no morgado de Dona Menga

Poucos foram os pontos do Algarve onde os romanos não estiveram na sua marcha vitoriosa para o Ocidente, desde que, no ano de 218 antes de Cristo, desembarcaram na Península, na praia de Ampúrias.

Na região de Faro-Tavira, aquela que tem sido objecto da nossa maior atenção e estudo, vários têm sido os vestígios da sua passagem, assinalados por diversos arqueólogos. A alguns deles já nós nos temos referido em diversos artigos, designadamente, no nosso estudo sobre a via romana que ligava Ossónoba a Balsa ⁽⁴⁵⁾, no qual revelámos a descoberta e identificação de um marco miliário (o único que conhecemos no Algarve), relacionando-o com a localização da primeira dessas cidades. Porém, a par desses vestígios, muitos outros têm aparecido dessa brilhante civilização. Claro que muitos deles são imediatamente destruídos pela enxada do trabalhador do campo e pelo tractor, mas alguns sempre escapam, permitindo um melhor conhecimento da vida dos povos que nos precederam.

Assim no antigo morgado da Dona Menga ou da Belota,

(45) J. Fernandes Mascarenhas, *De Ossónoba a Balsa*, in «Letras e Artes», do jornal diário *Novidades*, N.º 24, de 16 de Julho de 1950.

situado na freguesia da Luz de Tavira, próximo de Amaro Gonçalves, o qual pertenceu à ilustre família Pantoja e depois foi adquirido, por compra, pelo sr. Luciano Graça, de Moncarapacho, têm sido encontrados muitos restos da civilização romana, em cavas profundas aí realizadas no decorrer dos anos.



*Moeda idêntica à que foi encontrada
no morgado de D. Menga (verso)*

O morgado que é uma bela e vasta propriedade, fica não muito distante da extinta cidade romanizada de Balsa, com a qual esteve certamente ligada por alguma via, das muitas que os romanos nos deixaram.

Entre o que se tem achado, contam-se materiais de construção (grossos tijolos de fabrico romano); muitas sepulturas com ossadas que foram destruídas, algumas contendo brincos em metal, certamente de indivíduos oriundos da própria região; uma mó de lagar de azeite, mais pequena do que as mós que hoje se usam; moedas romanas, uma das quais nos foi oferecida

pelo nosso prezado amigo Guilherme Afonso, a que adiante nos referimos; duas construções subterrâneas que ficam próximas da casa de habitação e um túmulo que se encontrava tapado com uma enorme lajem sem quaisquer inscrições, com a qual construíram um pequeno pontão.

O túmulo era uma construção quadrada, feita em tijolos, tendo no centro cinzas e restos de um unguentário de vidro esverdeado e translúcido.

Para procedermos ao exame da lajem e do espólio arqueológico que ela cobria, fomos convidados pelos proprietários do antigo morgado, os nossos prezados amigos Passos Graça, mas quando lá chegámos (e não houve qualquer demora) já quase tudo estava destruído. No entanto, ainda vimos o suficiente para podermos afirmar que se tratava de um túmulo de inceneração, certamente de pessoas da família do proprietário romano da *vila* que aí existiu, pois com um vaso para perfumes, não pertenceu, com certeza, a população escrava, se bem que a inceneração e a inumação coexistissem entre os romanos ⁽⁴⁶⁾.

O achado registou-se já há anos e foi realmente pena que, na altura, não tivéssemos podido tirar fotografias e que esses restos não se encontrassem intactos. Uma outra coisa também se pode afirmar: é que a sepultura não era de cristãos, pois a inceneração nunca foi permitida entre eles, por que o corpo de Jesus Cristo foi inumado e não incenerado.

Idêntico a esse túmulo vimos um outro no Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcelos, em Lisboa, também de origem romana.

Mais ainda. No ribeiro que atravessá esse morgado, há uma nascente de água, que dizem ter propriedades medicinais, para cura de chagas, a que o povo chama o «Buraco Santo», e os romanos, como se sabe, tinham as suas águas santas, tal como sucedia, por exemplo nas Caldas de Monchique, onde se encontrou uma ara votiva, na altura em que procediam à demolição do velho balneário dessas termas, os quais os bispos do Algarve tanto auxiliaram ⁽⁴⁷⁾ e acerca de cuja ara escreveu o Dr. Mário Lyster Franco um erudito trabalho que teve a atenção amiga de nos oferecer com penhorante dedicatória.

Além destes vestígios, viam-se também junto à casa de ha-

(46) Juan Subias Galter, *Construcciones Romanas*, Barcelona, 1942, pág. 39 e seguintes.

(47) J. Fernandes Mascarenhas, *O Cardeal Dom José Pereira de Lacerda, Bispo do Algarve*, in «Jornal de Moura», de Maio de 1955, n.º 1213.

bitação do morgado de Dona Menga, duas construções subterrâneas, talvez tulhas para cereais. Uma delas ainda foi explorada pelos seus últimos proprietários, apresentando no fundo cascas de mariscos, quiçá de algum banquete realizado em eras recuadas.

Resta-nos, porém, dizer alguma coisa sobre a moeda que nos foi oferecida, por sinal limpa com vinagre, o que prejudicou a sua leitura e a desvalorizou. Todavia, no verso do numisma



Moeda idêntica à que foi encontrada no morgado de D. Menga (anverso)

distingue-se perfeitamente um busto de mulher e algumas letras que não se podem ler e, no anverso, uma figura mitológica. A moeda é de bronze e encontra-se rachada.

Segundo a opinião autorizada do nosso saudoso amigo, Dr. José Formosinho, ilustre fundador e director do Museu Regional de Lagos, deve tratar-se duma moeda do tempo do imperador Septímio o Severo, aquele imperador romano que tentou a conquista da Inglaterra, onde encontrou a morte, sendo o busto ao que parece o da imperatriz Júlia Maenza, sua mulher.

Vestígios romanos no ribeiro do Vale da Serra

Fazendo uma digressão pelo caminho que, passando sobre uma velha ponte, nos conduz ao Poço do Concelho, junto a Moncarapacho, e contornando a propriedade chamada a *Quinta*, única com tal designação nesses sítios, somos conduzidos até junto ao ribeiro do Vale da Serra, num ponto onde, no meio de oliveiras muitas vezes seculares, se vêem restos de habitações antiquíssimas e, ladeando o próprio ribeiro, uns paredões que deveriam ter pertencido a alguma azenha que em tempos aí existiu.

Nesses caminhos encontram-se várias calçadas, cuja proveniência desconhecemos, mas que é provável que o seu início seja de origem romana.

Subindo pelo ribeiro do Vale da Serra, deparamos com uma extensa camada de cimento romano, *opus signinum*, fendida em alguns pontos, porém tudo indicando tratar-se do revestimento que os romanos utilizavam nas suas estradas e caminhos, quanto também é certo existirem hoje ribeiros por onde passavam vias romanas. Essa camada constituída de pedra, areia e muita cal parecendo à primeira vista o açude dessa azenha, prolonga-se numa boa extensão, quase até à confluência do ribeiro do Vale da Serra com o ribeiro Tronco. Tais vestígios, porém, vêem-se também nas propriedades que ficam na sua margem esquerda, via que certamente se prolongava na direcção da propriedade chamada Palmeira, onde, em tempos, num cava aí rea-

lizada, com certa profundidade, se encontraram vários materiais de construção.

Tal via passava certamente pelo sítio do Lameiro, onde existiam ainda há bem poucos anos, umas velhas calçadas até junto do antigo morgado de D. Menga ou da Belota, no qual têm aparecido em diversas épocas restos da civilização romana. Isto sem nos esquecermos que todas essas vias se orientavam na direcção da cidade de Balsa, próximo da Luz de Tavira, cujos principais estudos se devem a Estácio da Veiga e só é pena que não tenham prosseguido, pois muito valorizariam o nosso património arqueológico.

Continuação do estudo do sítio do Lameiro

A pedra de um anel romano

A terra, o grande arquivo da vida do homem, revela de vez em quando segredos escondidos durante séculos. Basta a enxada ou o alvião penetrar no seu seio para logo começarem a surgir vestígios: uns de origem recente e sem qualquer importância e outros de manifesto valor arqueológico e histórico.

Da passagem dos romanos pelo Algarve são notáveis muitos deles, já assinalados, os quais enriquecem hoje os museus e as colecções particulares.

Quando há anos se procedia em Moncarapacho ao desaterro do local destinado à construção da sede da sua Casa do Povo, apareceram conjuntamente vestígios de vária proveniência e à profundidade de 2 metros, uma pedra de anel esbranquiçada, talvez de ágata, com uma figura primorosamente gravada em uma das faces.

Examinando cuidadosamente a pedra achada, graças à amabilidade do seu possuidor, o nosso amigo e conterrâneo sr. Francisco de Jesus Ladeira, verificámos que a figura gravada é a de um soldado romano. Está revestido de cota de armas e elmo, segura com a mão direita uma lança e com a esquerda um escudo oval, com bastantes semelhanças com a figura que se vê gravada numa *patera romana* de prata, que o Prof. Leite de Vasconcelos reproduz em as suas *Religiões da Lusitânia*.

Pelas características do curioso achado, deve tratar-se da pedra de um anel sigilário romano, constituindo mais um espécime de valor arqueológico e artístico à semelhança de tantos outros que se têm encontrado no Algarve.

A propósito deste espécie de anéis diz nos a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. II, pág. 562 que «os romanos usavam, habitualmente, uma argola, enfiada num dos dedos, e que num dos lados tinha cravada uma pedra entalhada e gravada funda que servia para imprimir na cera do sêlo as suas mensagens. Da argola, simples forma de ligar ao dedo um pequeno objecto que não deve perder-se, deriva o anel. Da pedra gravada o sinete de cera o lacre.

Do conjunto é representante directo o anel de sinete, ainda hoje tão vulgar. Por outra parte também o anel, levando com ele o sinete ou uma pedra gravada com sinais ou símbolos pessoais, passou a ser também salvo-conduto ou objecto que se trocava em sinal de confiança absoluta, no acto de efectuar transacções de importância ou confiar missões confidenciais.

A necrópole descoberta na *Alfanxia* e um dos seus cipos

Alfanxia é um topónimo do concelho de Olhão, essencialmente árabe, como tantos outros que ainda se mantêm por terras algarvias a assinalar a passagem desse povo.

A *Alfanxia*, porém, não nos recorda sòmente os filhos de Agar, os seus mistérios e as suas lendas que, nas noites luarentas de Janeiro e Fevereiro, quando os campos do Algarve estão cobertos do branco das flores das amendoeiras mais acentuam. A *Alfanxia*, com os restos da sua velha atalaia enegrecida pelos séculos, qual sentinela vigilante espreitando o mar e descortinando lá, ao longe, as torres de Aires (no aro da extinta cidade romana de Balsa), Bias e da Amoreira, todas situadas na direcção da via que ligava Ossónoba a Balsa e Beasuris, lembra-nos, também, a civilização romana. E porquê? Porque na *Alfanxia* se têm encontrado vários vestígios romanos, tais como tijolos muito grossos e outros materiais de construção e restos de objectos da sua vida doméstica, nomeadamente, um bocado de uma mó, que possuímos na nossa colecção particular.

Além disso, como é sabido dos estudiosos de assuntos romanos sobre o Algarve, o Dr. Dymas Thadeu de Almeida Ramos leu um cipo funerário, respeitante a um Tito Manlio, encontrado a não muita distância da Alfandanga e provavelmente junto da *via vicinalis* que dava ligação com a via principal que ia de Ossónoba a Balsa. ⁽⁴⁸⁾

(48) J. Fernandes Mascarenhas, *De Ossónoba a Balsa est.º cit.*

Esse personagem, que faleceu com 55 anos, devia ter pertencido à família Manlia, do patriciado, «que em Roma foi fecunda em varões ilustres, em consules, tribunos com poder consular, com tribunos militares, ditadores e jurisconsultos»⁽⁴⁹⁾ e cujo apelido nos aparece em várias inscrições da cidade de Balsa, não muito distante da *Alfanxia*.⁽⁵⁰⁾ E já que nos referimos ao cipo desse Tito Manlio, não nos parece descabido dizer que a toponímia próxima do local, regista as seguintes designações: *Quintã e Arouca*. *Quintã, quintaã e quintana*, forma arcaica de quinta, aparece-nos em documentos muito antigos sobre a região.

A propósito do termo quintã, diz-nos o Prof. Leite de Vasconcelos que «Da sua evolução sematológica tratou com o costumado critério Alberto Sampaio: a origem da designação é obscura, mas derivaria acaso da agrimensura romana; na nossa idade-média a palavra teve a significação fundamental de sub-unidade agrária, dentro de uma villa (rústica), provida de casa de habitação, água, terra lavradia, pomares, vinhas, soutos, etc.». ⁽⁵¹⁾ Por outro lado, sabemos que a metade dum acampamento ocupado pelas legiões romanas era dividida por uma rua chamada *Via Quintana*, que ia terminar de ambos os lados na trincheira.

Não teria existido aí próximo alguma *Via Quintana* e Tito Manlio, de família tão distinta, não teria sido o chefe militar de alguma facção de tropas aí acampada? Ou não se tendo verificado semelhante caso, Tito Manlio não teria sido o proprietário duma *quintana*, que deu lugar à actual *quintã*, termo que se tem conservado através dos séculos?

Além disso, o termo *Arouca*, conforme muito bem diz o nosso prezado amigo Dr. António Augusto Ramos, é de origem celta e derivado de *arauca*. A histórica vila de Arouca, em cujo mosteiro floresceu em virtudes e veio a falecer a Rainha Santa Mafalda, filha do Rei D. Sancho I, atribui-se idêntica origem.

A reforçar a afirmação de que o sítio da *Alfanxia* lembra também os romanos, descobriu-se, há anos, uma necrópole com várias sepulturas, as quais, segundo fomos informados, estavam revestidas de placas de argila e continham ossadas que, em contacto com o ar, se pulverizaram, confirmando aquela sábia sen-

(49) Estácio da Veiga, *Povos Balsenses*, ob. cit. pág. 23.

(50) *Idem*.

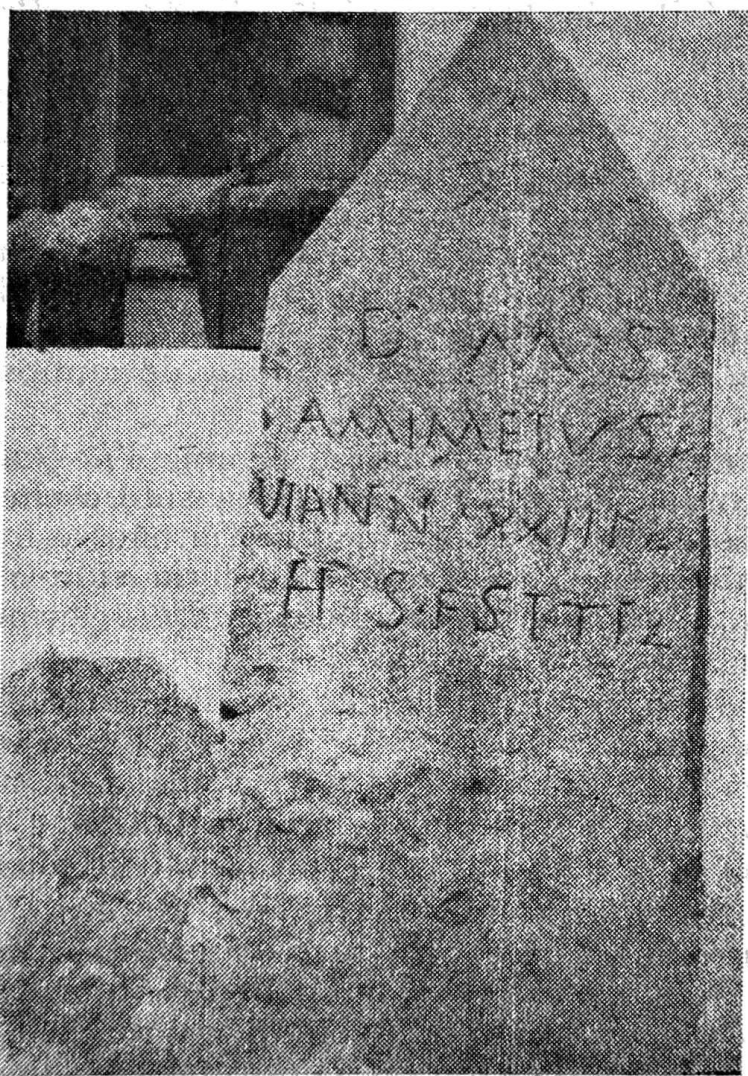
(51) *Etnografia Portuguesa*, aut. cit. Vol. II, pág. 278.

tença: «Lembra-te, ó homem, de que és pó, e de que em pó te hás-de tornar», que, todos os anos, se pronuncia em quarta-feira de cinzas.

Esses monumentos funerários acharam-se na altura em que, no local, se procedia à plantação de alfarrobeiras.

Enquanto uma das sepulturas dessa necrópole continha um cipo com uma inscrição perfeitamente nítida, as restantes nada continham sob o aspecto epigráfico.

Tais sepulturas, como tantas outras que se têm descoberto



Cipo da Alfanzia

no Algarve durante a faina agrícola, são testemunho do cuidado que os romanos tinham com os seus mortos. Era tal esse cuidado que constituía dogma na religião romana «as almas dos in-

sepultos não podiam entrar nos logares reservados depois da morte para os bem-aventurados (*Campos Elísios*), e que erravam cem anos nas margens do Estygio, até entrarem naquelas moradas; por isso tinham o maior cuidado de render aos mortos os últimos officios. Quando se sabia que um defuncto não tinha sido sepultado, e não se podia descobrir o corpo, eregia-se-lhe um cenotaphio (*tumulus inanis ou honorarius*), e perante elle se celebravam os officios funebres». «Era a morte por naufrágio a que um romano temia mais».

A sepultura com inscrição, devia ser de algum membro de família possuidora de casa agrícola na *Alfanxia* e redondezas e, as restantes, talvez de gente humilde, servos possivelmente.

Nesta zona do Algarve deviam ter existido algumas vilas romanas, como tantas outras houve na mesma província, aproveitadas depois, pelos mouros, quando seus senhores.

Para defesa e observação construíram os novos dominadores a torre, cujos vestígios aí se vêem, torre que, por seu turno, foi posteriormente utilizada, após a conquista do Algarve pelos nossos reis, para observar a aproximação do inimigo — desta vez os próprios mouros que haviam sido escorraçados para as terras do Magreb. E se é certo que El-Rei D. Dinis restaurou imensos castelos e fez construir várias torres pelo País fora, designadamente, no Algarve, esse género de *torres-atalaias* fazia parte do sistema defensivo dos árabes e o aspecto antiquíssimo da torre da *Alfanxia* quer-nos parecer remontar ao domínio árabe.

Na *Alfanxia*, há uma parte muito fértil e abundante em água potável, onde ficariam essas vilas que os vestígios arqueológicos atestam, e outra pedregosa, cheia de mato e alfarrobeiras, as quais se dão muito bem em terrenos dessa natureza.

Ora a necrópole encontrou-se precisamente na parte não cultivada, o que é lógico, pois os romanos tinham o costume de enterrar os seus mortos fóra das cidades e dos locais onde tinham habitações.

Apesar de já existir hoje mais respeito pelo nosso património arqueológico e artístico, mercê dos esforços porfiados dos estudiosos, foi realmente pena que não se tivesse feito o levantamento topográfico dessas sepulturas e tirado as respectivas fotografias. No entanto, o cuidado que houve por parte dos nossos primos e amigos senhores José Agostinho Júnior, quem mandou plantar as alfarrobeiras, e João Graciano da Silva Eusébio em nos guardarem e oferecerem o cipo e uma placa de cerâmica que revestia interiormente a sepultura, destinados a uma pequena

sala-museu de tudo o que de valor arqueológico se achar na região, é digno de louvor e do nosso profundo reconhecimento.

* * *

Procedamos agora ao estudo das sepulturas e de uma inscrição, em face dum questionário que dirigimos aos nossos referidos amigos e primos e da fotografia que ilustra este trabalho.

A necrópole era constituída por várias sepulturas, que se achavam aproximadamente a um metro de profundidade.

Todas revestidas de placas de argila, apresentavam as seguintes dimensões: 1,50 m. de comprimento por 0,60 m. de largura.

O cipo, de forma triangular, é de calcário, pulido na parte superior e tosco inferiormente, na parte que estava fixada ao solo. As suas dimensões são as seguintes: 0,85 m. de comprimento por 0,34 de largura.

D. M. S.

A M I M E T V S

VI. ANN. XXIII

H. S. E. S. T. T. L.

Comentário ao texto:

Na linha 4 o *E* está incompleto, parecendo um *F* e o *L* final foi gravado ao contrário. Além disso, no fim das linhas 2, 3 e 4, em vez de pontos, foram gravados pequenos ângulos, uso que aliás se observa em vários monumentos de epigrafia romana.

A tradução da inscrição é a seguinte:

«Consagrada aos Deuses Manes.

Amimeto viveu 23 anos. Foi aqui sepultado.

A terra te seja leve».

Os deuses Manes, como se sabe, eram génios da alma dos mortos, divindades tutelares, invocadas sobre os túmulos, sendo a sua festa no mês de Fevereiro e durava doze dias.

O cipo de um tal Tito Manlio que se supunha desaparecido

Entre Moncarapacho e a Fuseta, foi encontrado em tempos pelo Dr. Dymas Tadeu de Almeida um cipo, cuja inscrição vem transcrita nas obras de Fr. Vicente Salgado, Estácio da Veiga, E. Hübner e em outras publicações posteriores.

A inscrição romana reza assim:

D. M. S.

T. MANLIVS

LACON-AN

NOR-LV

H. S. E. S. T. T. L.

ou seja:

Diis Manibus Sacrum

Tito Manlio

Lacmense An

norum quiquaginta quinque

Hic Situs Est Sit Tibi Terra Levis

Segundo Rogério Azevedo, o nome LACON é grego, embora nos apareça numa inscrição romana, o que aliás se passa com outros nomes que figuram em algumas inscrições descobertas no Algarve, referidas por Estácio da Veiga em os *Povos Balsenses*, na revista *Costa de Oiro*, n.º 64-65 de Abril e Maio de 1940 (inscrição pertencente ao sr. Abílio José Gouveia) e na obra *Corp. Inscr. Lat.. II Supl.* de E. Hübner, donde o referido autor as transcreveu.

LACON ou «Laconiano, pode ser também Laconesis, oriundo de qualquer LACON», como diz Rogério Azevedo⁽⁵²⁾ e os outros nomes gregos referidos pelo mesmo autor são os se-



Cipo de Tito Manlio

guintes: Troilvs e Calemera (de duas inscrições achadas em Olhão), Philomvsvs (o que ama as musas - inscrição de Loulé) e Phaivs (pardo, sombrio - da inscrição encontrada em Portimão).
Julgávamos que o monumento que é objecto destas consi-

(52) *Onomástico Ibérico-Onomástico grego nas inscrições romanas da Península*, in «Boletim Cultural» (Porto), Vol. XXII — Março-Junho de 1959, pág. 153.

derações tivesse desaparecido, como tantos outros. Mas qual não foi a nossa admiração quando o fomos encontrar na propriedade que o nosso primo e amigo sr. João Mascarenhas de Mendonça tem entre Moncarapacho e Fuseta, próximo da Alfandanga.

Feito um decalque, imediatamente se revelou tratar-se do cipo de Tito Manlio, da illustre família romana dos Manlios, que aí teve sepultura.

O cipo encontrava-se tombado e se porventura foi arrastado de outro sítio para aí, não poderia ter sido de muito longe, dado o seu enorme peso.

Com vistas à fundação dum museu local, foi-nos oferecido para a nossa colecção de arqueologia, onde se encontra como uma das peças de valor.

Uma asa de ânfora romana com inscrição encontrada na Alfanzia

É frequente encontrarem-se ânforas romanas de diferentes tipos com marca de oleiro.

Essas marcas de que se encontram vários especimes nos Museus Etnológico de Belém e de Alcácer do Sal são documentos arqueológicos de interesse.

«Não são as marcas de fábrica os únicos letreiros das amphoras; podem estas também ter pintados, no collo e no bojo, os nomes dos consules da época, e outras particularidades».

«Assim como nós hoje indicamos uma época geralmente com um número, os Romanos indicavam-no frequentemente com os nomes dos consules: nós dizemos, por exemplo, uma garrafa de vinho do Porto de 1820; os Romanos diziam, uma amphora de vinho Massico do consulado de Aurelio e Manlio». ⁽⁵³⁾

É nos objectos de barro saguntino ou *terra sigilata* onde essas marcas mais aparecem.

Na Alfanzia, por várias vezes aqui citada, appareceu há tempos uma asa de ânfora com um letreiro, talvez uma marca de oleiro. É curioso que a asa apresenta-se desgastada pelo uso, isto

(53) J. L. de V., in «Antiguidades de Viana do Alentejo», Vol. IX, págs. 271 a 282 do *Archeologo Português*.

é, por terem passado por ela imensas vezes as mãos dos seus proprietários.

A referida asa, que não é de *terra sigilata*, diz o seguinte:

D A S I M V S T E L I

Foi-nos oferecida pelo nosso prezado amigo Sr. José de Mendonça Vargues que nos vem dando a sua boa colaboração, isto é, oferecendo-nos tudo o que encontra de natureza arqueológica.

Uma simples asa de ânfora oh! quanto ela nos recorda a vida familiar dos seus proprietários há muitos séculos desaparecidos! Foi ela com certeza testemunha de muitos factos que hoje ninguém conhece e quanta sêde a ânfora a que a essa asa pertenceu não matou a tanta gente, nos dias calmosos de Agosto e Setembro no Algarve!

Torre de Ayres Gonçalves ou torre do deus Aries?

Na área da antiga cidade de Balsa, onde tantos vestígios arqueológicos se têm achado, existe uma velha torre de vigia, designada por Torre de Ares.

Diz o cura Dr. Nunes Leal, cujas informações vêm referidas na *Monografia da Luz de Tavira* de Ataíde d'Oliveira, que se trata da *Torre de Ayres Gonsalves* (sic.)

Este nome, porém, sempre nos impressionou, pois nunca foi essa a nossa convicção. Para mais não se sabe que Ayres Gonçalves era esse que deu a designação à torre sobranceira ao mar.

Dada a sua situação, estamos em crer que se trata antes duma alusão ao deus Aries.

Este deus pagão teve culto durante o tempo dos romanos no actual território português.

A oriente da vila de Sesimbra, por exemplo, «situa-se um morro chamado «cabo de aires» que, segundo Rafael Monteiro, deve tratar-se de uma «corruptela de «Aries» — até porque, na fronteira península de Troia, Júpiter — Ammon teve culto e templo durante a ocupação romana». ⁽⁵⁴⁾

(54) *Alguns Mareantes Desconhecidos na Terra de Sesimbra*, aut. cit., 1961, pág. 32.

Ora é precisamente o que nós supomos quanto a Ares da Luz de Tavira. O nome dessa divindade teria ficado na toponímia da região.

Balsa, como se sabe, foi cidade importante com o seu circo, os seus edifícios públicos cheios de colunatas, cujos restos têm aparecido, os seus templos e, fóra da cidade e a não muita distância, a sua necrópole, da qual existem várias inscrições. ⁽⁵⁵⁾

Aries ou Ares, em nossa modesta opinião, foram nomes que ficaram, da mesma forma que *Bias* (este nome grego) e tantos outros que existem pelo Algarve e por toda a terra portuguesa.

(55) Estácio da Veiga, *Povos Balsenses*, ob. cit., e Ataíde d'Oliveira, *Monografia da Luz de Tavira*, Porto, 1913, págs. 46 a 75.

— Nas inscrições encontradas em Balsa figuram vários membros da família Manlia, designadamente, Tito Manlio Martial, Tito Manlio Faustino, certamente da família do Tito Manlio, sepultado próximo da Alfândaga, cujo cipo julgávamos desaparecido e muitas outras devem encontrar-se ainda subterradas.

A necrópole medieval dos Sobrados

Ao cortarem em 1953 os terrenos no local denominado os «Sobrados», junto de Moncarapacho, no Algarve, para a construção da estrada que liga essa aldeia à de Santa Catarina da Fonte do Bispo, foram descobertas, a cerca de 80 centímetros de profundidade, vinte e quatro sepulturas, algumas das quais com esqueletos de grandes proporções.

Apesar de não ter constituído para nós grande surpresa, visto há muitos anos terem aparecido vários indícios no mesmo local que nos levaram a supor a existência dessa necrópole, o achado mereceu a nossa particular atenção.

Pena tivemos nós não nos ter sido possível estar aí na altura em que os trabalhos se iniciaram, pois teríamos evitado a destruição das sepulturas sem que primeiro se tivesse feito o seu levantamento topográfico e a sua exploração metódica.

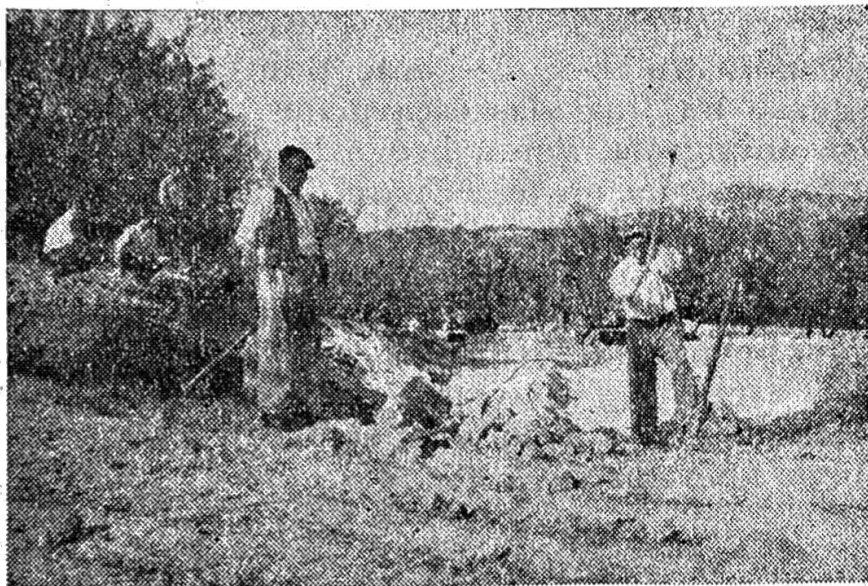
No entanto, quando aí estivemos ainda alguma coisa observámos, ao mesmo tempo que colhemos preciosas informações, quer do nosso amigo sr. José Correia, quer dos nossos primos e amigos srs. João Graciano da Silva Eusébio e José Mário Rodrigues Mascarenhas, quer dos trabalhadores que tiveram o cuidado de recolher, a pedido dos primeiros e nosso também, alguns ossos destinados à nossa colecção arqueológica.

As sepulturas

Com 1,70 m. de comprimento por 0,45 m. de largura, as sepulturas eram todas elas cavadas numa camada de calcário bran-

co (caliço), por baixo do qual existia rocha que para o prosseguimento dos trabalhos da estrada teve de ser destruída a dinamite.

Ora se nós observarmos o corte transversal dessas sepulturas dos «Sobrados» o que se constata? Precisamente a forma de um trapézio isósceles com as paredes laterais, portanto, levemente inclinadas, o que permitia uma maior estabilidade do cadáver. Quer dizer: as características das sepulturas medievais de forma trapezoidal, formato introduzido na Península pelos povos visigóticos. E como diz o arqueólogo Félix Alves Pereira, com base nas opiniões autorizadas de alguns notáveis arqueólogos que ao assunto da sepulcrologia dedicaram a sua melhor atenção



Sobrados, trabalhos da estrada

de interesse, essa forma é característica nos povos cristãos, pois as sepulturas pagãs da época dos romanos, são rectangulares.

A forma trapezoidal das sepulturas, abertas, portanto, segundo o talude natural das terras, evitava desmoronamentos nos extremos, razão por que na sua quase totalidade se encontravam em perfeito estado de conservação.

«Em um cemitério myrtilense caracterizado por epigra-

phes christãs, do séc. V e VII, as sepulturas eram trapezoidais », diz-nos Estácio da Veiga.⁽⁵⁶⁾

« Em Alvaiázere temos também sepulturas em forma de trapézio, medievais e christãs »⁽⁵⁷⁾. E em « Valdevez havia uma inteira necrópole medieval, bem identificada, com sepulturas trapezoidais ». ⁽⁵⁸⁾

Por outro lado, a necrópole dos « Sobrados » situa-se numa encosta voltada ao sol — outra característica dos cemitérios visigóticos.⁽⁵⁹⁾

Dentro delas, além dos esqueletos, todos com a orientação oeste-leste, isto é, a cabeça para oeste e os pés para leste, não foram achados quaisquer objectos designadamente metálicos, apesar das sepulturas não apresentarem indícios de terem sido violadas noutras épocas. Apenas se via uma espécie de tecido muito ténue a envolvê-los que, em contacto com o ar, desaparecia imediatamente. Talvez restos do lençol que envolveu o corpo !

Devia pois tratar-se de gente pobre, até porque só apareceu, já quase no final das escavações, uma simples estela e mesmo essa anipígrafa, que a breve trecho desapareceu apesar das nossas recomendações feitas para a guardarem.

Mas semelhante ausência não nos surpreende, porque para os cristãos nunca foi hábito sepultar os cadáveres com riquezas ou quaisquer objectos de valor, à imitação do que sucedeu com Cristo que foi apenas envolvido num lençol de linho.

Alguns esqueletos estavam deitados sobre o lado esquerdo e outros contraídos. E cobrindo as sepulturas duas lajes de *caliço*, toscamente aparelhadas, e terra.

Dimensão da necrópole e suas características

A necrópole dos « Sobrados » era enorme e todas as suas sepulturas apresentavam-se com idênticas características.

Segundo credence popular, apareciam aí *medos*, que outra coisa não eram senão esqueletos, como aliás os vimos também, sobretudo na época das chuvas.

(56) *Memórias das Antiguidades de Mértola*, págs. 119 e 120.

(57) *Arch. Port.*, IV, 81.

(58) *Idem*, VII, 92.

(59) Félix Alves Pereira, *Antiguidades de Viana do Alentejo*, in *Arch. Port.*, Vol. X, págs. 22 e 23.

O facto de não existir o mais leve respeito pelo local, tudo indica tratar-se de uma necrópole antiquíssima — da alta Idade Média — quer pelas razões apontadas, quer pela forma de cobertura das sepulturas, com duas lajes toscas, um tanto semelhantes, entre outras, às sepulturas existentes em Odrinhas (Sintra), junto à vetusta ermida de S. Miguel, onde podemos hoje admirar um original e interessante museu monográfico, para cuja organização muito contribuíram o Dr. Moreira Baptista, Prof. Doutor Joaquim Fontes e Prof. Doutor D. Fernando de Almeida. Para esse museu foi transportado e reconstruída uma dessas sepulturas. ⁽⁶⁰⁾

Restos de construções junto da necrópole

Junto da necrópole dos «Sobrados» apareceu também um poço com cerca de dois metros de profundidade, revestido de um material semelhante ao opussigninum (formigão), o que aliás não admira, dado que a romanização nesta zona do Algarve foi intensa.

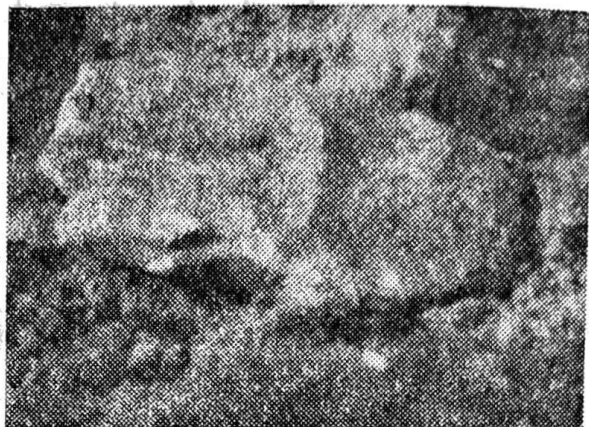
Estava o referido poço coberto de lajes e foi tapado novamente, por ordem do capataz das obras da estrada, sem ter sido levado a efeito, como seria aconselhável, qualquer exploração. Próximo dele, havia uma grande quantidade de restos de louça de barro e cinzas e a seguir paredes de alvenaria, revestidas do mesmo material do poço, uma das quais se prolongava mais além.

As cinzas devem ser provenientes dum forno de louça que aí teria existido no tempo dos romanos, visigodos ou mouros, vindo a propósito acentuar que a indústria cerâmica é muito antiga na região de Moncarapacho.

Tais construções, porém, não nos surpreendem, visto os visigodos terem utilizado tudo por assim dizer que encontraram de origem romana. Desde a própria língua latina que empregavam nas suas inscrições, à moeda de cobre e prata que não chegaram a cunhar e um sem número de coisas, tudo isso os visigodos utilizaram, após a conquista de Espanha no século 3.º no tempo do imperador do Ocidente Honório, segundo filho de Teodósio o Grande. Foi por morte de Teodósio que o império foi dividido em duas partes, recebendo Honório a do Ocidente com Roma por capital, e seu irmão Arcádio recebia a parte do

(60) Joaquim Fontes, *Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas* — Guia do Museu, Sintra, 1960, págs. 18 e 24.

Oriente, tendo por capital Constantinopla.⁽⁶¹⁾ E já que nos referimos a Honório, em Moncarapacho encontrou-se uma moeda sua, que nos foi oferecida, moeda que ou é do domínio dos romanos ou já do domínio visigótico, dado que os bronzes de Honório como os de Graciano, etc., circularam durante o seu domínio. Em Marim, no Algarve, refere o Suplemento à *Gazeta de Lisboa*, N.º LIII, de 27 de Outubro de 1786, que o Doutor João Vidal da Costa e Sousa, Superintendente dos Tabacos daquele Reino, correspondente da Real Academia das Ciências e numismata, participou que um trabalhador ao abrir uma vala nesse sítio, em alicerces de antigos edifícios, achou 100 medalhas de ouro do Imperador Honório, fazendo-se a respectiva descrição no segundo suplemento da *Gazeta de Lisboa*, tudo referido por Pedro de Azevedo em «O Archeologo Português», Vol. IV, págs. 102 e 103. Por outro lado, numa descrição de moedas romanas do século IV diz-se que determinada moeda «convem a um imperador do século IV (Graciano, Valentiniano II, Theodosio, Honório, Magno Maximo)». E seguidamente acrescenta: «Como porém nesta época as figuras imperiais representadas nas moedas, outrora verdadeiros retratos, deixam de corresponder à realidade, — pelo que as imagens de uns imperadores se parecem com as dos outros...» (J. Leite de Vasconcelos, em *Antiguidades de Viana do Castelo*, «Archeologo Português», Vol. IX, pág. 277. Além disso na «Hortinhola», também em Moncarapacho, quando se procedeu à limpeza de um poço velhíssimo que ninguém se lembra de ter sido limpo, apareceram várias bilhas ainda intactas, de feitura visigótica, uma das quais, em perfeito estado de conservação, possuímos na nossa colecção particular. No mesmo poço, que devia ter sido em tempos idos uma nora, acharam-se também curiosos alcatruzes árabes, dois dos quais também possuímos e um deles oferecemos ao Museu Re-



Uma sepultura dos **Sobrados**
ainda intacta

(61) Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. 13, págs. 362 e 363.

gional de Lagos, quando ainda vivia o Dr. José Formosinho. Na própria toponímia, tem Moncarapacho o sítio do «Argil», nome autenticamente germânico e, portanto, visigótico, onde em 1868 apareceram também sepulturas que logo destruíram. ⁽⁶²⁾

Os visigodos submeteram toda a Península Ibérica de 414 a 711 da nossa era, época em que foram expulsos pelos árabes.

Durante esse período ocuparam a cátedra da Sé de Santa Maria de Ossónoba, alguns bispos dessa origem, cuja influência espiritual chegou com certeza, até pela sua proximidade, à actual freguesia de Moncarapacho, da mesma forma que se estendeu a Marim e Balsa, onde vários presbíteros trabalharam na evangelização desta parte do sul da Lusitânia. Apenas durante 74 anos, isto é, de 550 a 624, o litoral do Algarve e a Andaluzia também foram dominados pelos gregos, sob Justiniano.

Os visigodos não enterravam os mortos nas povoações

Os visigodos, como os romanos, não enterravam os seus mortos nas povoações, embora os seus cemitérios não ficassem muito distantes delas, salvo aquelas sepulturas que existiam junto às grandes estradas imperiais.

Nesta conformidade, é de crer que próximo da necrópole dos «Sobrados» existisse qualquer povoação, talvez no local onde está Moncarapacho, lugar que já existia em 1382, no reinado de El-Rei D. Fernando I de Portugal, conforme nos diz um documento inédito, publicado pelo nosso ilustre amigo, Dr. Joaquim Alberto Iria, na sua erudita e exaustiva obra «O Algarve e os Descobrimentos».

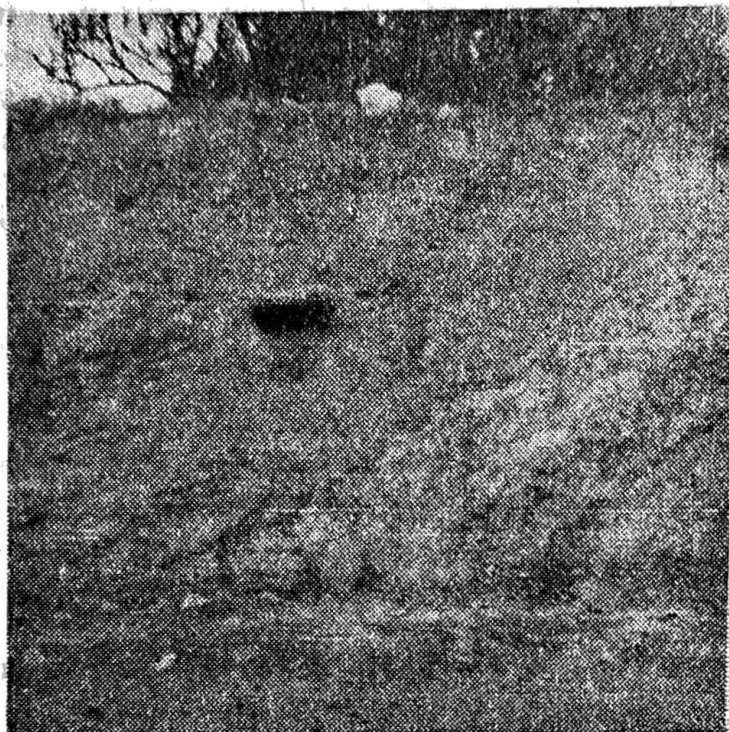
Mesmo a existência de tantas sepulturas, as que se descobriram e muitas outras que ainda por lá se encontram ocultas, não deixa qualquer dúvida neste sentido. Uma ou outra sepultura isolada não nos levaria a semelhante afirmação.

Além disso, o sítio que tem água em abundância, elemento primordial para a vida, é precisamente a aldeia de Moncarapacho.

Pode ainda aventar-se a hipótese dos mouros posteriormente terem também utilizado a necrópole dos «Sobrados». Não é porém de crer, quer por razões de intolerância religiosa, sobretudo nos primeiros tempos da ocupação, quer por disporem de muitos terrenos onde podiam ter a sua *almacava* própria.

(62) *Monografia do Concelho de Olhão*, Francisco Xavier d'Ataide Oliveira, pág. 29.

De admitir será que os cristãos que por aí ficaram após a invasão árabe continuaram a sepultar os seus mortos no seu velho cemitério. Por outro lado não nos devemos esquecer que os cristãos, embora arabizados, continuaram a praticar a sua religião, constituindo os moçárabes, que os houve e em elevado nú-



*Corte transversal duma sepultura
dos «Sobrados»*

mero no Algarve, quicá também em Moncarapacho. E era nesse mesmo local, certamente, que se continuaram a fazer os enterramentos após a conquista do Algarve aos mouros, pois não é de crer que fossem enterrar os mortos a Tavira ou Faro, a distâncias grandes e numa época em que as comunicações eram muito difíceis.

Mais vestígios encontrados

Nas escavações apareceu ainda um esqueleto de veado, cujas hastes tinham quatro galhos. Este achado, sem grande interesse por esta espécie ter existido na região até há poucos séculos, encontrou-se a cerca de um metro de profundidade.

Em 1959 quando, também nos «Sobrados», procediam a escavações para a aberturas dos caboucos do edifício da Casa do Povo, apareceu a pedra de um anel romano, assim como mais 4 ou 5 sepulturas em tudo idênticas às primeiras encontradas.

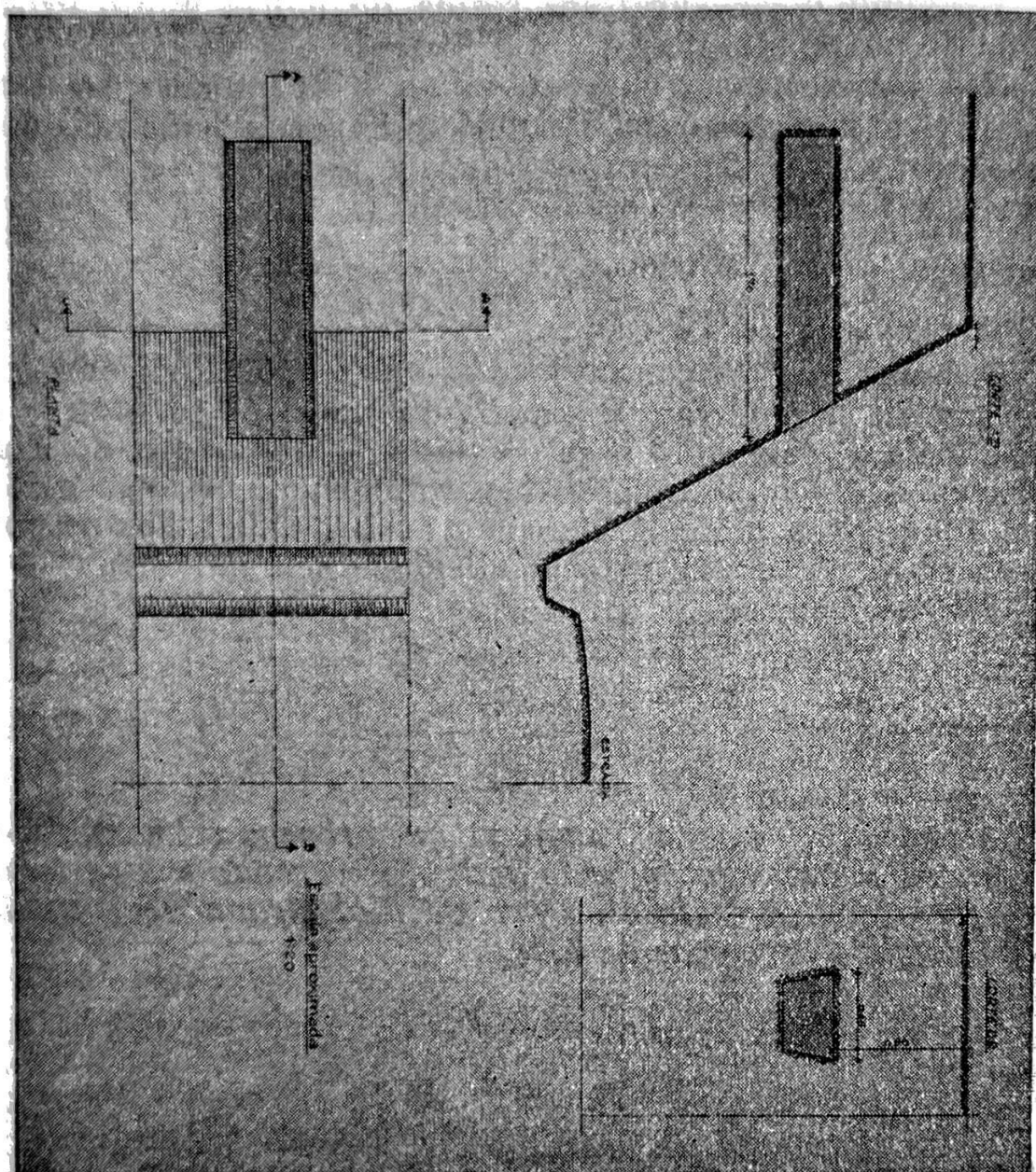
Próximo delas surgiram restos de telhas muito grossas, pedaços de potes, etc.

Sobre este achado deu-nos minuciosas informações o nosso amigo e conterrâneo, Sr. Francisco de Jesus Ladeira, que foi dedicado presidente da Casa do Povo de Moncarapacho.

Conclusão

A existência do cemitério dos «Sobrados», situado junto de uma velha estrada que ligava Santa Maria de *Faraon* a *Tabilla*, é mais um subsídio para o estudo da população do Algarve através dos tempos, na qual o sangue visigótico se caldeou com o dos gregos, fenícios, romanos, árabes e de todos os povos que passaram por essa região privilegiada pela natureza — o velho Reino do Algarve.

Nota — *A moeda romana, que reproduzimos, foi-nos emprestada pelo nosso prezado amigo, Reverendo Padre Isidoro Domingos da Silva, zeloso pároco de Moncarapacho e também muito dedicado às coisas de arte.*



*Fotografia do desenho duma sepultura dos Sobrados
à escala aproximada de 1:20*

Vestígios da civilização islâmica no Algarve

A CERÂMICA

A mais antiga e característica indústria de Moncarapacho, de influência essencialmente mourisca, é a cerâmica, cuja matéria prima, o barro vermelho, é hoje extraído nos sítios do Poço das Figueiras e das Areias.

A própria toponímia local atesta a existência de semelhante indústria, com o seu lugar das Olarias, nos subúrbios da aldeia, e o da Barria, donde certamente extraíam, noutras épocas, o barro para a mesma indústria.

Os objectos fabricados são, entre outros, alguidares, caldeirões, vasos para flores, cântaros e infusas (recipientes para água).

Algumas dessas peças são vidradas, mas só internamente.

Os engenhos utilizados, muito rudimentares, constam dum *roda*, a cujo centro é fixada uma haste de ferro, chamada *fuso*. Este termina por uma rodela em barro, designada por *ca-beça*, que se destina à colocação das *pelas*, isto é, ao barro devidamente amassado em blocos, mais ou menos volumosos, conforme os objectos a fabricar.

O conjunto é circundado por uma espécie de mesa tosca-mente preparada com tábuas, a cuja tampa dão o nome de *ad-quina*.

Os nomes por que são designadas as peças e ferramentas

dessa indústria, colhidos *in loco*, muitos deles de origem árabe, são os seguintes:

Almanhar: recipiente para a preparação do vidrado (alguidar para o almagre).

Adquina: tampa da mesa onde se modela a louça.

Arafe: peça para fazer os fundos da louça.

Alpiota (ou pela): bola de barro colocada sobre a cabeça da roda, pronta a ser modelada.

Aname ou alame: chão onde se pisa o barro.

Alpanata: pedaço de feltro para alisar a louça durante o movimento da roda, esta com a respectiva cabeça.

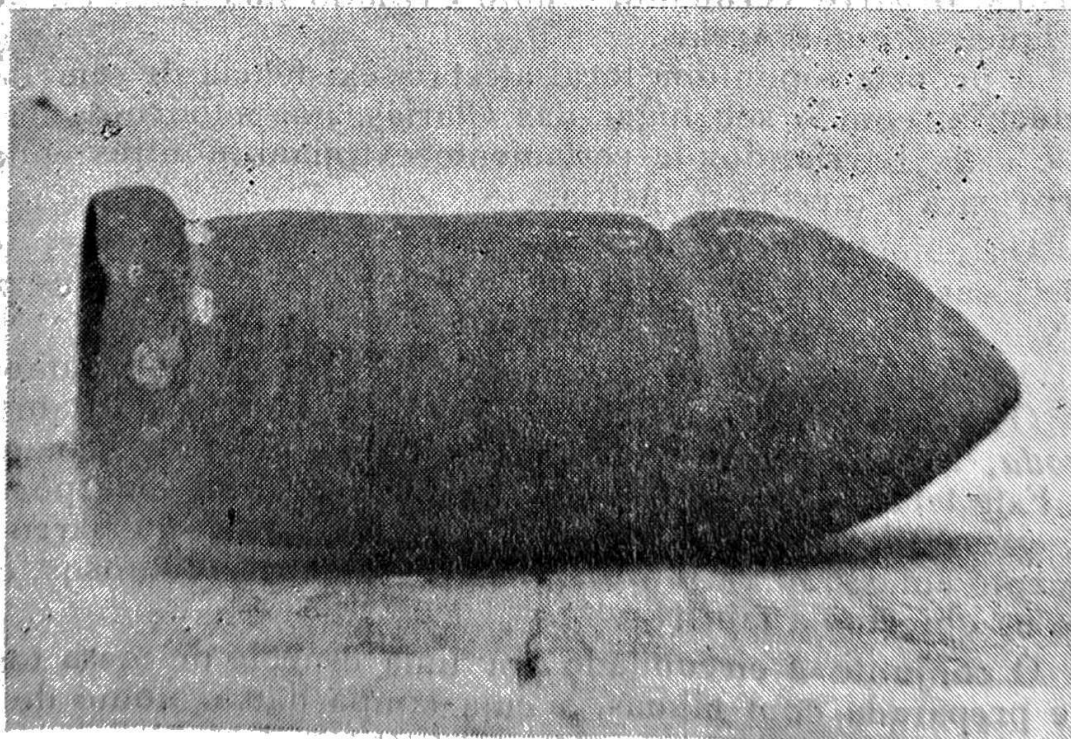
Loiceiro: recipiente onde o operário molha as mãos.

Empaladouro: pedra para preparar as pelas.

Barreiro: vasilha para o barro.

Cordão: fio para cortar as peças depois de feitas.

Quanto a vestígios de cerâmica árabe, apareceram há anos na «Hortinhola», sítio várias vezes aqui citado, num velho poço



Alcatraz árabe sup. por nome do



Bilha achada na nora da Hortinhola

que foi necessário limpar durante um ano de forte seca, vários objectos que se conservavam no lodo.

Entre esses objectos contam-se alcatruzes árabes, de formato muito curioso e ainda sem o pequeno orifício na extremidade, muito necessário para se poder dar o respectivo enchimento. Claro que contendo alcatruzes tal poço foi outrora uma nora — a nora mourisca como ainda hoje se vê no Algarve — para mais o poço alarga-se no fundo, prova evidente do que afirmamos.

Tais alcatruzes surgiram em quantidade e muitos deles quase intactos que o povo levou para as suas casas, conservando nós dois deles que nos foram oferecidos por pessoas amigas residentes no local.

Além dos alcatruzes também apareceram bilhas com duas asas, de barro muito fino, uma das quais, que se reproduz, de feitura visigótica, sinal evidente que o poço era muito mais antigo do que poderia parecer.

Tanto essa bilha como o marco miliário por nós estudado, foram observados pelo Prof. Dr. Bairrão Oleiro, da Universidade de Coimbra, numa visita que fez a Moncarapacho.

Região de tradições árabes, como aliás todo o Algarve, Moncarapacho conserva ainda a indústria artesanal da cerâmica, na sua forma primitiva, a qual fornece as feiras e mercados com os objectos mais diversos. E os barros algarvios como diz o Prof. Charles Lepierre «são excelentes pela sua pureza e pela contextura rija que adquirem, depois do forno» (*Olarias do Algarve*, de Cândido Marrecas — no jornal «O Algarve», de 23/6/1940).

Silos e canalizações árabes

Nesta região têm aparecido vários silos árabes, dispersos pelos campos e em locais onde certamente haviam habitações desse povo que dominou o Algarve durante séculos, deixando vestígios indeléveis da sua civilização.

Tais silos subterrâneos, surgiram próximo da «Hortinhola» e um outro no «Poço da Amoreira», em Bias do Norte, a pequena distância da velha *almenara* ou torre de vigia do mesmo nome, na freguesia de Moncarapacho.

As paredes desses silos deviam ser revestidas de palha e escremento de gado bovino para a conservação dos cereais, exactamente como ainda hoje usam os mouros em Marrocos, segundo informação do nosso primo e amigo sr. Sebastião Trindade, que aí viveu muitos anos e contactou com essas gentes. O emprego dessa espécie de escremento é motivado por conter fenóis que desinfectam e conservam, portanto, os cereais.

É frequente também aparecerem canalizações árabes para rega — trabalhos de hidráulica agrícola, como diríamos hoje — designadamente na Quinta de Marim, do concelho de Olhão.

A propósito dos árabes, escrevemos em 1962, no nosso trabalho «Origem dos Topónimos das Freguesias do Concelho de Olhão e de alguns dos seus sítios»:

«Sem dúvida que dessa civilização existem em Marim, vários vestígios». E no referente à agricultura, há «muitos e férteis botelhos (...) regados com a tradicional cegonha ou picota, o *telleno* dos romanos, que os árabes também utilizaram e que Santo Isidoro de Sevilha cita com o nome de cicónia (...)».

Esse sítio, bastante aprazível e poético, onde os vestígios das civilizações romana, visigótica e árabe surgem com muita frequência, conserva ainda bem nítidas lendas muito curiosas deste último povo, como seja a célebre lenda de Marim, recolhida no livro «Mouras Encantadas e os Encantamentos do Reino do Algarve», de Ataíde Oliveira.

BIBLIOGRAFIA

Além de outras referências bibliográficas mencionadas no texto deste trabalho, destacamos as seguintes :

Abel Viana :

Restos de Ossónoba no Largo da Sé de Faro — Separata dos números 39 a 46 da Revista do Sindicato N. dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos e Condutores, 1949.

António Garcia y Bellido :

Espana y los Españoles hace mil años — Según la geografia de Strábon (Coleccion Austral).

D. António José de Melo :

Archeologia, 1906.

Cândido Marrecas :

Olarias do Algarve, in «O Algarve» (jornal), de 23/6/1940.

David Lopes :

Os árabes nas obras de Alexandre Herculano, 1909 a 1911.

Duro da Sylva :

Subsídios para a História do Minho — O rio Lethes e o Forum Limicorum, Lisboa, 1923.

Emílio Hübner :

Noticias Archeologicas de Portugal, Lisboa, 1871.

Félix Alves Pereira :

Antiguidades de Viana do Alentejo, in «Arch. Port.», Vol. X.

Francisco Xavier d'Ataíde Oliveira :

Monografia do Concelho de Olhão da Restauração, Porto, 1906.

Monografia da Luz de Tavira, Porto, 1913.

Gustavo Glotz :

História Económica da Grécia (tradução da «Inquérito»).

Joaquim Alberto Iria J.^{or} :

O Algarve e os Descobrimentos, Inst. de Alta Cultura, Lisboa, 1956.

Joaquim Fontes :

Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas, Sintra, 1960.

Joaquim Possidónio Narciso da Silva :

Noções Elementares de Archeologia, Lisboa, 1878.

J. Fernandes Mascarenhas :

Notícia sobre os romanos na região de Faro e Tavira, «Povo Algarvio» (jornal), de 10 de Abril de 1955.

De Ossónoba a Balsa «Letras e Artes», do jornal *Novidades*, n.º 24, de 16 de Julho de 1950.

O Cardeal Dom José Pereira de Lacerda, Bispo do Algarve, «Jornal de Moura», de Maio de 1955, n.º 1213.

Origem dos Topónimos das Freguesias do Concelho de Olhão e de alguns dos seus sítios, Tavira, 1962.

José Garcia Domingues:

Jornal «Novidades», de Outubro de 1951.

José Leite de Vasconcelos:

Etnografia Portuguesa, Lisboa, 1933-1958.

Religiões da Lusitânia

Antiguidades de Viana do Alentejo, «Archeologo Português», Vol. IX

José Pedro Machado:

As Origens do Português.

José R. Mélida:

Arqueologia Española.

Juan Subias Galter:

Construcciones Romanas, Barcelona, 1942.

Luís Chaves:

As vias romanas em Portugal, in «Lisbon Courier», n.º 74, de Maio de 1952.

M. Capela:

Miliários dos Conventos Bracar, em Portugal, Porto, 1895.

Mário Cardoso:

Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmiento, Guimarães, 1947.

Mário Lyster Franco :

As ruínas romanas do Milreu e os últimos trabalhos realizados, separata do Boletim da Junta de Província do Algarve, I, 1942 — Lisboa, 1943.

A Pesca do Atum na Costa do Algarve — Acheugas para a sua história, Faro, 1947.

Uma inscrição inédita de Ossónoba (Costa de Oiro — Revista do Algarve), Números 64-65, de Abril e Maio de 1940.

P. Miguel de Oliveira :

História Eclesiástica de Portugal, 2.ª edição, Lisboa, 1948.

Pedro Batalha Reis :

Moedas Romanas no Território de Portugal, in «Lisboa Courier» (Revista), n.º 74, de Maio de 1952.

Rafael Monteiro :

Alguns Mareantes Desconhecidos na Terra de Sesimbra, 1961.

Rogério Azevedo :

Onomástico Ibérico — Onomástico grego nas inscrições romanas da Península, in «Boletim Cultural» (Porto), Vol. XXII — Março-Junho de 1959.

S. P. M. Estácio da Veiga :

Povos Balsenses, Lisboa, 1866.

Antiguidades Monumentais do Algarve, Lisboa, 1886 a 1891.

Memória das Antiguidades de Mértola, Lisboa, 1880.

Vitoriano José César :

Ossónoba antiga cidade do Algarve, durante o domínio árabe, separata de *Portugale*, Vol. IV, 1931.

NOTA

Agradecendo penhorado o bom acolhimento que o «Povo Algarvio» sempre tem dispensado à publicação dos nossos trabalhos, cumprimos apresentar também os melhores agradecimentos aos nossos estimados amigos, Sr. Ezequiel Navarro Pedro, distinto Chefe de Secção do Instituto Nacional de Estatística, por nos ter auxiliado na revisão das provas tipográficas destes Elementos de Arqueologia sobre o Algarve e Sr. Manuel Maria Gonçalves, distinto Agente Técnico de Engenharia, pela execução do desenho de uma das sepulturas dos «Sobrados» que ilustra o mesmo trabalho.

ÍNDICE

	<i>Pág.</i>
<i>Prólogo</i>	5
<i>De Ossónoba a Balsa.</i>	7
<i>A via romana que ligava Beasuris e Myrtilis.</i>	26
<i>Um túmulo romano de inceneração e uma moeda, da mesma origem encontrados no morgado de Dona Menga</i>	28
<i>Vestígios romanos no ribeiro do Vale da Serra</i>	32
<i>A pedra de um anel romano</i>	34
<i>A necrópole descoberta na Alfanxia e um dos seus cipos. . .</i>	36
<i>O cipo de um tal Tito Manlio que se supunha desaparecido . .</i>	41
<i>Uma asa de ânfora romana com inscrição encontrada na Alfanxia</i>	44
<i>Torre de Ayres Gonçalves ou torre do deus Aries?.</i>	46
<i>A necrópole medieval dos Sobrados.</i>	48
<i>Vestígios da civilização islâmica no Algarve — A Cerâmica .</i>	57
<i>Silos e canalizações árabes</i>	61
<i>Bibliografia.</i>	63

ERRATA

Pág.	Linha	Onde se lê	Deve ler-se
12	13	a não muita distância	a não muita distância da confluência
15	32	veriador	vereador
27	2	verso	anverso
30	34	os quais os bispos	as quais os bispos
40	11	pulido	polido
51	15	opussignium	opus signinum